

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LINGUÍSTICA
MESTRADO EM LINGUÍSTICA**

LUCIENE NASCIMENTO CARDOSO

**A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS POR SUJEITOS SURDOS EM ENUNCIADOS
RETIRADOS DE PLATAFORMA DIGITAL WHATSAPP NA PERSPECTIVA DA
SEMÂNTICA ENUNCIATIVA**

CÁCERES-MT

2021

LUCIENE NASCIMENTO CARDOSO

**A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS POR SUJEITOS SURDOS EM ENUNCIADOS
RETIRADOS DE PLATAFORMA DIGITAL WHATSAPP NA PERSPECTIVA DA
SEMÂNTICA ENUNCIATIVA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação do professor Dr. Taisir Mahmudo Karim

CÁCERES-MT

2021

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C268c Cardoso, Luciene Nascimento.

A construção dos sentidos por sujeitos surdos em enunciados retirados de plataforma digital *Watsapp* na perspectiva da semântica enunciativa / Luciene Nascimento Cardoso. – Cáceres, 2021.

81 f. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Mestrado Acadêmico) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, *Câmpus* de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021.

Orientador: Dr. Taisir Mamudo Karim.

Coorientadora: Dra. Nilce Maria da Silva.

1. Surdos. 2. Enunciação. 3. Formas. 4. Sentido. I. Karim, T. M., Dr. II. Silva, N. M. da, Dra. III. Título.

CDU 81'2/'44-056.263

**A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS POR SUJEITOS SURDOS EM ENUNCIADOS
RETIRADOS DE PLATAFORMA DIGITAL WHATSAPP NA PERSPECTIVA DA
SEMÂNTICA ENUNCIATIVA**

BANCA EXAMINADORA

Prof.(a) Dr.(a) Taisir Mahmudo Karim
Orientador(a) – PPGL/UNEMAT

Prof. (a) Dr.(a) Jair Silva
Avaliador(a) externo(a) – UFAL

Prof. (a) Dr.(a) Nilce Maria da Silva
Avaliador(a) UNEMAT

APROVADA EM: 29/04/2021

DEDICATÓRIA

Dedico meu trabalho aos meus pais José Geraldo, a minha querida mãe Elizabete Nascimento, que sem eles eu nada seria, que sempre acreditou na minha pessoa, apoiando e incentivando a buscar e dedicar nos estudos de libras, e por meio de seus conselhos me dediquei, cheguei ao final com esse mérito título de mestre, hoje olho nos seus olhos e vejo as marcas de felicidade de alcançar uma filha especialista em letras.

Dedico também aos meus filhos Hisaque Cardoso, e a meu bebezinho Davi Antônio Cardoso, que desde o momento que estava no meu ventre não teve tempo para receber o carinho necessário de mãe, pois já estava escrevendo o projeto de mestrado para ampla concorrência. Após a chegada desse “lindo” no mundo, tão esperado e planejado, teve que sofrer ausência, e afagos da mamãezinha, pois o resultado já havia sido publicado que eu estava aprovada, feliz por ser mãe de novo, após 16 anos, e afinal sendo acadêmica mestranda realizando um grande sonho.

Então já iniciava uma nova programação em relação ao bebê, sendo na maioria das vezes, durante o processo de cursar as disciplinas, e da escrita da dissertação tive que ausentar, conduzindo o mesmo até a casa da vovó. Dedico a imensa gratidão também aos meus irmãos Haéliton Nascimento, Eliene Nascimento, Lucilene Nascimento, José Ailton e Tatiane Cardoso, que me apoiaram, e auxiliaram nas pesquisas que muito contribuiu nas motivações para que eu pudesse dar continuidade nesse processo.

Não poderia esquecer-se de mencionar e agradecer ao meu digníssimo esposo Elezer Antônio, pela paciência e carinho que teve comigo, sentindo saudade, falta de ter uma esposa ao lado, e na maioria das vezes dormir sozinho e sentar para fazer as refeições sozinho, cuidar do bebê, pois não tinha tempo suficiente para fazer papel de esposa e de estudante, tendo que ser obrigada a escolher algo que fosse melhor para meu crescimento profissional.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela força, pela coragem durante todo o meu trajeto neste mestrado, assim como “no princípio era verbo, e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus, ele estava no princípio com Deus, todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez”, me sustento nestas afirmações da Bíblia sagrada, tenho ela como guia, bússola e bálsamo que alivia minhas dores na hora das angústias, medos e dúvidas.

Agradeço a ele te toda a minha alma, pois sem ele nada do que foi feito até aqui se faria, pois eu não teria forças para enfrentar os obstáculos encontrados no decorrer da jornada acadêmica.

Agradeço a Deus pela família que tenho como base, para melhor me sentir pessoa realizada e completa.

Agradeço minha querida amiga Soyla da cidade de Rondonópolis, que quando eu estava sem direção para escrever, sem conseguir encontrar o caminho, ela apareceu com um jeitinho simples, leu o meu projeto e me indicou algumas leituras para que eu pudesse seguir para ter sucesso, me ensinou pela primeira vez, quais os termos adequados eu poderia por na minha dissertação, para que a mesma chamasse atenção do leitor e fosse significativa na área de libras.

Agradeço em especial ao meu grande orientador, Taisir Mahmudo Karim, por ter aceitado a orientar esta pesquisa na área de libras.

Agradeço ao meu filho Hisaque mesmo sem paciência, muito me ensinou a usar algumas ferramentas no computador para melhor eu desenvolver minha pesquisa.

Agradeço a senhora Judite Albuquerque, que foi a primeira profissional a me estimular e orientar no projeto para que pudesse ser aprovada no mestrado.

Agradeço imensamente ao meu primo e irmão em Cristo Jesus, o Jarciel Domingues São Bernardo, pelo apoio tecnológico, e ajuda nas publicações dos artigos.

EPÍGRAFE

"A gaivota cresceu e voa com suas próprias asas. Olho do mesmo modo como que poderia escutar. Meus olhos são meus ouvidos. Escrevo do mesmo modo que me exprimo por sinais. Minhas mãos são bilíngues. Ofereço-lhes minha diferença. Meu coração não é surdo a nada neste duplo mundo..."

O vôo da gaivota, Emmanuelle Laborrit

RESUMO

Este trabalho, inscrito na linha de pesquisa Estudos dos Processos de Significação do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), propõe um estudo sintático, semântico-enunciativo de enunciados retirados de conversas de aplicativo de mensagem para smartphones. Nestes recortes selecionamos enunciados de cinco sujeitos surdos, acadêmicos do curso de pedagogia, e surdos já com formação em nível superior, que nas comunicações descritiva, apresentavam situações da língua na qual a língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com a Língua Portuguesa apresentava enunciados que poderiam ser compreendidos por falantes da Língua Portuguesa. Para este trabalho mobilizamos a teoria da Semântica do Acontecimento/Enunciação de Guimarães (2002, 2018) e Dias (2018), para realizarmos o estudo voltado para o sentido presente no ato da enunciação. Com o objetivo de mostrar a hipótese sobre como se dá a constituição dos sentidos nos enunciados retirados de plataforma digital WhatsApp, cujas expressões serão compreendidas por sinalizantes que reconhece a língua de sinais, tomando como foco o papel das formas linguísticas na enunciação, tendo em vista que as formas linguísticas se definem enquanto unidades de significação. Desta forma, a significação de uma palavra ou expressão realizada por sujeito surdo em um enunciado será compreendida a partir das análises que envolvem todo processo enunciativo no acontecimento do dizer no espaço de enunciação.

Palavras-chave: surdos; enunciação; formas; sentido e significação.

ABSTRACT

This work, enrolled in the research line Studies of Significance Processes of the Stricto Sensu Graduate Program in Linguistics at the State University of Mato Grosso (UNEMAT), proposes a syntactic, semantic-enunciative study of statements taken from application conversations of message for smartphones. In these clippings, we selected statements from five deaf subjects, academics of the pedagogy course, and deaf people already with a higher education, who in descriptive communications, presented situations of the language in which the Brazilian Sign Language (Libras) with the Portuguese Language presented statements that could be understood by Portuguese speakers. For this work we mobilized the theory of the Semantics of the Event / Enunciation of Guimarães (2002, 2018) and Dias (2018), to carry out the study focused on the meaning present in the act of enunciation. With the objective of proving the hypothesis about how the constitution of the senses occurs in the statements taken from the Whatzapp digital platform, whose expressions will be understood by signers who recognize the sign language, focusing on the role of linguistic forms in the enunciation, in view of that linguistic forms are defined as units of meaning. In this way, the meaning of a word or expression performed by a deaf subject in a statement will be understood from the analyzes that involve the entire enunciative process in the event of saying in the enunciation space.

Key words: deaf; enunciation; forms; sense and significance

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Libras (Libras Brasileira de sinais)

ASL (Línguas de sinais Americana)

PA (ponto de articulação)

CM (configuração de mão)

M (movimento)

OD (orientação e direção)

EFC (expressão facial e corporal)

E E (espaço de enunciação)

ASL (Língua de sinais Americana)

PM (Pares Mínimos)

FENEIS (Federação Nacional de Integração dos Surdos)

INES (Instituto Nacional dos Surdos)

E (Enunciador)

EG (Enunciador Genérico)

E i (Enunciador individual)

E C (Enunciador coletivo)

E U (Enunciador Universal)

L (Locutor)

AL (alocutário)

SN Sintagma Nominal

SV Sintagma Verbal

FN Formação Nominal

GN Grupo Nominal

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Ensinando surdo mudo a falar.....	24
Figura 2- Imagem do sinal Seminário em Libras.....	30
Figura 3- Imagem de memes WhatsApp.....	48
Figura 4- Imagem de memes WhatsApp.....	65
Figura 5- Imagem de memes Whatszapp.....	71

LISTA DE QUADROS

Lista de Quadros:

Quadro de características das identidades surdas.....34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
SEÇÃO I	
EMBATES E AVANÇOS HISTÓRICOS NA CONSTITUIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	23
1.1 A contribuição linguística na Língua Brasileira de Sinais.....	29
1.1.2 As Identidades da Cultura Surda e os Possíveis traços da Língua Portuguesa.....	32
SEÇÃO II	
EMBASAMENTOS TEÓRICOS DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO /ENUNCIÇÃO PARA ANÁLISES DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E DESCRIÇÃO DO CORPUS	35
2 A Semântica do Acontecimento, e a Enunciação	35
2.1 O Político.....	36
2.1.1 Espaço de Enunciação/ Argumentação e a Cena Enunciativa.....	36
2.1.2 Articulação e Reescrituração.....	37
2.1.3 Formação Nominal.....	39
2.2 Descrição do Corpus.....	42
SEÇÃO III	
ANÁLISES DE ENUNCIADOS DE PLATAFORMA DIGITAL WHATSAPP.....	50
3.1. Venda de uma Bicicleta.....	50
3.2 Compra de Bicicleta Motorizada.....	54
3.3 Problemas Acadêmicos na Graduação.....	58
3.4 Procurando Emprego.....	62
3.5 Trancamento de Matrícula.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Este trabalho inscrito no campo teórico da Semântica da Enunciação propõe de início apresentar um percurso no qual a linguística e a língua brasileira de sinais se encontram, ou seja, as contribuições da linguística com a LIBRAS. Para tanto, faremos algumas considerações sobre o conceito de língua e linguagem na visão de vários autores. Desta maneira a partir de agora trataremos língua brasileira de sinais, apenas como LIBRAS.

As línguas de sinais fazem parte do conjunto da linguagem humana, ou seja, são línguas complexas com estrutura gramatical, com a diferença de se apresentarem em uma modalidade: viso-espacial.

Considerarmos a LIBRAS como uma língua viso-espacial, é interessante fazer a seguinte reflexão, dentro dessa modalidade linguística que nesse caso tratamos de língua de sinais, é possível percebermos aspectos semânticos. A mesma pode ser percebida e analisada dentro desses estudos.

Ao denominarmos LIBRAS como língua de espaço viso-espacial e não gestual, defendemos a ideia baseada em linguistas que escreve sobre esta Língua, uma vez que os gestos são movimentos involuntários e não carregam significados algum. Já os sinais que os surdos comunicam nos espaços visuais, são significativos e apresentam elementos fundamentais, suficientes para uma exploração linguística.

Minha trajetória como (professora) intérprete de LIBRAS, para aluno surdos, desencadeou em minha pesquisa o desafio de buscar nos estudos sobre a linguagem uma resposta para um questionamento advindo do contato direto com a comunidade surda. Cujos questionamentos estão ligados a forma de como os surdos compreendem os sentidos em uma determinada sentença, quando são reescriturados.

A proposta desta pesquisa surge, assim, a partir da reflexão prática e angustiante que envolve a vivência de um processo de ensino/aprendizagem do Português para alunos com diversos níveis de surdez. O que provoca limitações diferenciadas nos padrões da articulação da sinalização, compreensão da significação em diversos enunciados, tais como a relação sintática e os sentidos que os elementos produzem numa oração quando enunciados por surdos.

Sabemos que os sinais e as palavras fazem parte do mesmo status, pois os sinais são símbolos arbitrários, legitimados e convencionados pelos falantes de língua de sinais, assim como as palavras são em uma língua oral. Nas análises faremos este processo de averiguar

palavras escritas por surdos, não isoladamente, pois nem as palavras nem os sinais isolados carregam significados, ambos precisam estar sintonizados e ligados dentro de um campo semântico, participando de todos os elementos enunciativos para produzir significação.

Consideramos importante apresentar o caminho no qual a Libras se deu no território brasileiro, e por quem se deu esse interesse. Após conhecermos o percurso da língua de sinais, falaremos dos avanços que o Brasil teve em trazer para cá um ensino de LIBRAS, também trataremos do grande processo de repercussão das potências europeias que desencadeou no congresso de Milão, período considerado como silenciamento das línguas de sinais.

Como elemento essencial da pesquisa ainda na seção I falaremos das pesquisas desenvolvidas por Stokoe em 1960, que tem sido a maior referência para desenvolvermos e darmos continuidades nos trabalhos atuais. Desta maneira com base nesse autor é que falaremos dos parâmetros da LIBRAS, e como faremos a representação dos sinais com a mão posicionada em *S*, e assim fazer referência com a Semântica da Enunciação/Acontecimento (2018), compreendendo a sinalização dentro dos espaços de enunciação. Nessa perspectiva, também apresentamos alguns pontos relacionados as identidades surdas, quais são as mais identificadas atualmente, e como elas são influenciadas.

Para falar da história dos surdos é preciso entender o conceito de história, partindo da condição de dizer que história é a ciência que estuda as formas e comportamento que os homens organizaram e viveram o passado, compreendendo fenômenos históricos que marcaram o percurso de um povo na terra, nesse caso o povo surdo; neste processo de transformação, civilizações podem absorver as informações e registros que relatam da história dos surdos para compreendermos a situação atual.

Na história da evolução humana, constata-se que o uso dos sinais pelas mãos como forma de comunicação é anterior ao ato da fala vocal, esta é uma das evidências linguísticas para afirmar que o homem tem uma capacidade inata para a linguagem e não para a língua. (Leite, 1882 apud Reis, 1992).

A comunicação humana é essencialmente diferente e superior a toda outra forma de comunicação conhecida, todos os seres humanos nascem com os mecanismos da linguagem específicos da espécie, e todos desenvolvem normalmente, independentemente de qualquer fator racial, social ou cultural (Sánchez, 1990, p.17).

Baseando na ideia de Sánchez, pode dizer que todos os seres humanos já nascem com a capacidade de comunicar, existem línguas que precisamos aprender, é obvio que a comunicação e aprendizagem se dão pelo contato e convivência no ambiente em que veja a

manifestação da língua para o sujeito adquirir. Para ter o domínio de comunicação nesta perspectiva, pensando no sujeito surdo que nasce num lar de pais ouvintes, muitos objetos ao seu redor foram sinalizados conforme a necessidade de comunicar. Neste caso não foi preciso a intervenção de alguém para ensinar aquele sinal, a autonomia se manifestou conforme o poder da necessidade de criar um certo sinal para as coisas que estavam ao seu meio, seria de fundamental importância ser identificada por um sinal que fosse da compreensão de todos envolvidos naquele processo de comunicação.

A LIBRAS (língua brasileira de sinais), é o meio de comunicação para os surdos, sendo também usados pela comunidade ouvinte, como intérprete de libras, familiares, e todos os que se aproxima e sente a necessidade de comunicar com esta comunidade. Conhecer a história dos surdos nos proporciona adquirirmos conhecimentos, e obter condições de discussão sobre os acontecimentos relacionados a diversas épocas na educação dos mesmos.

Atualmente as discussões sobre a existência do povo surdo tem sido algo pertinente para os acadêmicos da área da linguística, tais discussões se dão pelas riquezas de elementos linguísticos presentes nas articulações e funcionamento da língua.

É sabido que há diversas formas de olhar para uma determinada língua e diversas formas de interpretarmos, partindo do pressuposto que somos tomados pela língua. Para conhecermos melhor sobre esta língua, é preciso mergulharmos nesta história e fazer parte desse povo surdo, cada sujeito surdo pode estar inserido em uma sociedade diferente, com culturas, crenças e valores diversificados. A este conjunto de elementos chamamos de identidade surda, pois cada um vive em um contexto diferente.

No decorrer Da sessão I será enfatizado a ocorrência de cada um desses elementos e como se procede a distinção das identidades.

(...) olhar a identidade surda dentro dos componentes que constituem as identidades essenciais com as quais se agenciam as dinâmicas de poder. É uma experiência na convivência do ser na diferença (PERLIN E MIRANDA, 2003, p. 217).

O Povo surdo já existia, voltando muito mais no tempo, centenas de gerações, no período de 1500 a 1855, nesta época já existiam surdos, mas a educação era precária, após as pesquisas de estudiosos da área da linguística, a partir do século XVI as mudanças sobre os conceitos de que os surdos eram ineducáveis foram sendo exterminadas, e um novo conceito passa a ser construído, iniciando a luta pela educação do povo surdo. Pois, a linguística é a

área de estudo científico da linguagem, despertando esse olhar sobre essa cultura e desenvolvendo conhecimentos e estudos sobre essa diversidade de povo.

Já na seção II, faremos a descrição da teoria trabalhada durante toda a pesquisa. Para isso, apresentamos os estudos desenvolvidos por Guimarães (2002, 2018). Para melhor embasamento da pesquisa, e ainda, dentro da seção II separaremos por item, ou seja, cada conceito, e faremos assim, uma síntese sobre a teoria escolhida. Ainda, nesta seção, apresentamos sobre o conceito de formação nominal, tratado por Dias (2018), e faremos a descrição do corpus para dar abertura para as análises.

A postura dos alunos surdos em relação a compreender e interpretar um determinado enunciado através do que uma expressão que pudesse significar num determinado contexto numa oração ou texto, sempre me incomodou, a ponto de me levar a uma pesquisa mais profunda sobre a operação de predicação e que os resultados pudessem contribuir com essa comunidade. Nos estudos de Guimarães encontramos elementos que servem como embasamento para melhor compreendermos esta estrutura linguística. Segundo Guimarães, “a predicação aqui é tomada como uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos” (GUIMARÃES, 2007, p.84)

Na seção III faremos as análises de enunciados retirados de plataforma digital WhatsApp, com o objetivo de mostrar o funcionamento constitutivo dos sentidos na forma descritiva por sujeitos surdos.

Assim a seção III será composta de cinco análises, cada uma de um sujeito diferente para que assim possamos fazer as análises sintáticas compreendendo a construção dos sentidos por perspectiva diversificada.

Finalizaremos com as considerações finais, trazendo os resultados de como foi o desenvolvimento das nossas análises.

O desenvolvimento de pesquisas na área da linguagem, o estudo do funcionamento dos processos cognitivos são alvos de investigação que desafiam os pesquisadores de linguística; pode-se dizer que a linguística é a área que se preocupa com a natureza da linguagem e da comunicação a fim de responder os questionamentos e indagações pertinentes com a finalidade de explicar as soluções para os problemas simples aos mais complexos.

As pesquisas na área de língua de sinais-LIBRAS, têm muito a ser explorada, e para que esse papel seja desenvolvido é fundamental tomarmos os conhecimentos do passado, o saber histórico. Para que esta conquista avance é necessário que a memória viva que define o

nosso presente forneça artefatos culturais que permitirão alterar para melhor o mundo do povo surdo.

Descrever sobre a história dos surdos não é uma tarefa fácil, pois a mesma é marcada por diversos processos de evolução, impactos marcantes, crises, proibições, momentos históricos caracterizados por mudanças e surgimentos de várias oportunidades. Os historiadores servem-se de vestígios do passado para reconstruir fatos históricos. Os povos surdos deixaram vestígios diversos sobre sua existência que são as fontes históricas.

Conforme os registros de pesquisas dos historiadores e linguistas, estudar uma língua é percorrer os caminhos de inquietações que a linguagem nos proporciona, enfrentar seus mistérios, decifrar as perguntas que cada uma das teorias nos condiciona a interpretar e enxergar novas possibilidades de vermos a língua em outras dimensões, como a relação com o outro, o contato com a língua desconhecida e a mediação de quem domina as duas línguas, neste caso vamos destacar o interprete de LIBRAS, para melhor nos referirmos a língua de sinais.

Para compreender tais dimensões percebe se a relação com o outro nos coloca em uma posição de estrangeiridade, ao nos darmos conta que estamos falando com alguém que não decodifica nossa língua, ou seja, quando deparamos com um grupo de surdos comunicando em língua Brasileira de sinais-LIBRAS, nós falantes da língua oral nos sentimos deficientes, pois estamos defronte uma língua viva que ainda não está em nosso alcance de compreensão. Para que a comunicação seja eficiente é preciso a intervenção de alguém que conhece a língua e faça parte da comunidade ouvinte para fazer a mediação entre as duas línguas ali colocadas.

Sabe-se que a partir de alguns resultados de pesquisas científicas (desde os anos 60, principalmente dos trabalhos de William Stokoe), que as línguas de sinais são línguas completas e naturais, pois apresentam estrutura gramatical própria, em seus níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, além de seus aspectos pragmáticos (Santana, 2007).

É interessante ressaltar, ainda, que um estudo e ou mesmo uma pesquisa em qualquer um desses níveis gramaticais da LIBRAS é de suma importância, não somente para os estudos linguísticos dessa área, como também para o processo de inserção e compreensão dos processos linguísticos que envolvem o Surdo no meio escolar, pois a cada novo estudo é possível perceber fatores relevantes que possibilitam um ensino mais eficaz para esse indivíduo.

Para tanto, é necessário compreender que as línguas de sinais, por serem línguas que se utilizam do meio visuo-espacial para a Comunicação, por não terem o seu código escrito ainda popularizado entre os Surdos, não elimina das considerações científicas de as perceberem como língua, visto que apresentam uma organização estrutural e fazem parte da constituição cultural dos Surdos – crescendo, envolvendo e transmitindo dinamicamente tradições socioculturais desses sujeitos.

SEÇÃO I

EMBATE E AVANÇOS HISTÓRICOS NA CONSTITUIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Atualmente no Brasil, tem se discutido muito sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), reconhecida pela lei de nº 10.436 de 24 de abril de 2004 e regulamentada pelo decreto de nº 5.626 de dezembro de 2005. Para consolidar os avanços recentes no Brasil sobre a Libras e a fim de assegurar os direitos da pessoa surda, pode-se dizer que se embasa na determinação do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, “as instituições federais de ensino devem garantir obrigatoriamente às pessoas surdas o acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos” (BRASIL, 2005).

Com base em Pesquisa desenvolvida por Kumada (2016) que analisou 80 editais e 217 documentos como provas, vídeos em LIBRAS, e listas de aprovação de surdos, referentes aos cursos superiores de formação de professores da língua oferecidos por 25 instituições federais, entre 2006 e 2015. É de fundamental importância que o trabalho desenvolvido por esta autora se deu na busca de verificação das ofertas dessas graduações no acesso de surdos na Educação Superior.

Para aprofundamentos da pesquisa da autora é preciso que entendamos o processo de adaptação e adequação dessa língua no nosso País. Tem ocorrido com muita frequência vários debates de como a libras tem sido implantada no Brasil, e como se deu a chegada da mesma no território Brasileiro.

Sabemos que a busca e os desafios para conseguir a oficialização dessa língua se deu por soma de muitos esforços da comunidade surda, familiares de surdos, intérpretes de LIBRAS, amigos de surdos e por todos aqueles que apoiavam a comunidade, acreditando na possível conquista que hoje já é realizada.

O ensino de LIBRAS chegou no Brasil em 1857 através do imperador D’Pedro II, por intermédio de um surdo Francês por nome de Ernest Huet, cujos objetivos seria implantar uma escola com a metodologia de ensino baseada no ensino de língua de sinais, a qual segundo Santos (2006 p.5) “ tinha como objetivo aumentar as possibilidades de comunicação dos surdos no meio familiar e escolar possibilitando dessa forma construir conceitos sobre si mesmo e sobre seu meio.

Este professor Eduard Ernest Huet, pertencia a uma família da nobreza na França, surdo após 12 anos de idade, conseguiu aprender espanhol, conquistou o título de professor,

foi diretor do instituto de surdos de Bourges na França, desenvolveu excelente trabalho, obtendo grande prestígio e reconhecimento. Pelo fato de ser membro da nobreza Francesa, Huet também tinha título de Conde.

Muito se debate sobre as causas que teriam o interesse do imperador D Pedro II sobre a educação de surdos e as possíveis influências que permearam este acesso.

Segundo (ROCHA, 2007), as possíveis evidências e interesse do imperador se deram pelo notável trabalho na área da educação de surdos, desenvolvido por Ernest Huet, e pelo admirável trabalho, com imensa experiência na área de direção do colégio de surdos, encaminhado ao desenvolvimento das práticas que permitiram adquirir habilidades visíveis baseadas em técnicas, que serviram de referência e condição de representar um Instituto Brasileiro frente a confiança do imperador.

Conforme (Barman, Roderick, 1999) nos relatos da constituição Brasil república, é observado que pelo fato do imperador ter um neto surdo, filho da Princesa Izabel, e demonstrar um carinho pela filha, isso despertaria interesses particulares de parentesco para que o neto fosse educado com métodos de sinais e que a partir desses pudesse adquirir habilidades de comunicação na sua língua materna.

O casamento da princesa Izabel se deu com a pessoa de Luís Filipe Maria Fernando Gastão, o Conde d'Eu, sendo este um sujeito parcialmente surdo, e não muito aceito pela corte Brasileira, devido a surdez e também falar português incomodavam muitos na época que era o seu caso. Da união estável desse casamento, nasceram quatro filhos sendo um deles também surdo, como mencionado acima.

Segundo Reis (1992), a existência do neto surdo contribuiu para que no Brasil surgisse a primeira escola para surdos, pois, conforme o Imperador seria impossível alfabetizar surdos num país de pessoas que desconhecia a língua de sinais (LIBRAS). Os conceitos que nortearam esse processo de educação contribuíram para avanços na aprendizagem e desenvolvimento social, cultural psicossocial da pessoa surda.

Após a chegada do professor Huet ao Brasil, foi apresentado ao Imperador um relatório contendo a petição do espaço para lecionar, fazendo duas propostas educacionais: uma consistia no ensino na propriedade livre (particular), com uma concessão de bolsas e alguma subvenção por parte do império, e a outra seria a criação da escola, sendo o império responsável para arcar com as despesas, neste modelo referindo a instituição pública.

A segunda proposta foi aceita por Dom Pedro, devido a análise que a grande maioria dos alunos surdos pertencia a famílias menos favorecidas. Com isso foi fundada o IISM-

Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, que tinha como principal objetivo oferecer uma educação de qualidade com aprendizagem eficaz e padronizada, sendo compreendida por um prazo de seis anos a duração do curso, alinhada as metodologias educacionais que atendessem a necessidade dos surdos brasileiros.

Segundo os documentos históricos, pesquisas e relatos, e artigos publicados pelo INES, a escola para surdos foi inaugurada em 1º de janeiro de 1856, nas dependências do colégio de M. de Vassimom, no modelo privado. Logo em seguida Huet apresentou seu programa de ensino que compreendia nas disciplinas de língua portuguesa, Aritmética, Geografia e História do Brasil, Escrituração Mercantil, Linguagem articulada, neste caso o ensino de leitura labial (destinada a alunos que demonstrasse aptidão para essa aprendizagem) e Doutrina Cristã (ROCHA, 2008).

Na oportunidade de trazer ao Brasil uma nova metodologia de ensino, podemos dizer que o país estava avançando em termos educacionais, dando seus primeiros passos em termo de educação especializada, cujo trabalho diferenciado se instalaria na organização e construção do Instituto Nacional de Educação para Surdos (IISM).

Durante o período de 1857 até 1868, Ernest Huet Educador Francês, sendo a pessoa da confiança de D. Pedro II, desenvolveu um trabalho que marcou a vida de muitos surdos e de familiares. Durante o processo de ensino, o mesmo preocupou-se em preparar alguém para que pudesse dar continuidade assim que houvesse necessidade de se ausentar. Nesse sentido, o mesmo passou a ser formador de professores que pudessem dar seguimento em seu significativo trabalho.

Desta maneira, podemos enfatizar que a libras nasceu no Brasil em 1857 com a mistura entre língua francesa de sinais e de sinais utilizados por surdos brasileiros, e assim ela foi ganhando espaço através do instituto nacional de educação de surdos o INES.

O (INES) instituto nacional de educação para surdos uma escola de grande referência da época, e é o centro de referência na área da surdez no Brasil, sendo um órgão do Ministério da Educação, carregou consigo a honra de ser alvo de grande concentração de emigrantes, cujos objetivos se consistia na produção, desenvolvimento e divulgação de conhecimentos científicos, sociais, culturais e tecnológicos, a fim de subsidiar a política Nacional de Educação de Surdos.

Durante o período de ensino, os surdos se interagiam através da língua de sinais – LIBRAS, e com a implantação da proposta oralista os surdos foram submetidos a aprender a língua oral.

Embora o ensino de LIBRAS, tivesse sido aceito por todos os surdos e pela maioria dos seus familiares, no período de 1880 na Itália no congresso de Milão foi marcado por um momento de grande repercussão que se desencadeou no silenciamento, ou seja, na proibição do poder de comunicação através da LIBRAS.

É nesta década no congresso de Milão que foi um período histórico marcado por um forte nacionalismo das potências europeias e que ocorre a maior e inesperada frustração que desencadeia retrocesso na vida do povo surdo, consta que nessa época havia cerca de 360 institutos de surdos espalhados pelos Estados Unidos, Canadá, Brasil, Japão e em alguns países da Europa (ROCHA, 2008).

A proposta que foi levada ao congresso se dava por duas indagações, de um lado os surdos interagindo por meio da língua de sinais, e sendo alfabetizado por ela, cujos avanços estavam centrados em métodos pedagógicos altamente padronizado na língua de sinais, e em metodologias desenvolvidas por educadores que acreditavam que o melhor caminho estava em alfabetizar surdo por meio da sua própria língua.

De outro lado os surdos aprendendo a língua oral, que era a língua padrão falada por todos os ouvintes, cujos avanços se concentravam no contentamento e satisfação dos pais, por estar sendo correspondido com os filhos na mesma dimensão oral, sendo esses métodos pedagógicos preocupados e centrados mais na questão clínica.

Desta forma as duas metodologias de ensino entraram em contradição, de um lado a credibilidade na LIBRAS, como meio de comunicação para surdo, de outro lado o ensino da língua oral para surdos a fim de que não fosse necessário a sinalização.

Assim, a discussão foi levada para ser votado em quais dos dois métodos seria o oficial para ensinar/alfabetizar surdos. Desta forma, segundo os resultados do congresso o método mais votado foi o ensino da língua oral, e que a partir daquele momento seria o fim do ensino da língua de sinais-LIBRAS para surdo.

Segundo os relatos e registros que encontramos sobre esta época, o congresso de Milão entendia que a aprendizagem da língua oral seria viável, e que a leitura labial era a melhor forma para a comunicação dos surdos.

Diante dessa contraditória situação, o oralismo foi marcado por uma prática de imposição social, segundo estudiosos Sánchez, 1992; Ferreira Brito, 1990; Skliar et al., 1995.

Essa prática imposta à comunidade surda pode ser comparada com a colonização brasileira de quando as comunidades indígenas sofreram com a exploração das terras

brasileiras, uma vez que além de sofrerem com a chegada dos portugueses que impunham uma nova prática a elas, ainda eram obrigadas a falar uma língua que não dominavam.

Podemos destacar no século XVIII, a existência dos dois métodos de ensino para o sujeito surdo, um seria o método Frances desenvolvido por LÉpée, baseado em um sistema de sinais, o outro se consistia no método alemão, propagado por Samuel Heinicke, cujo método tem a sua raiz o ufanismo e a formação da própria identidade nacional alemã, que defendia toda instrução partindo do desenvolvimento da oralização. (Capovilla 2000).

Vejamos na figura abaixo o modelo e sistema de ensino da época:

Figura 1 - Ensinando Surdos Mudos a Falar



Fonte: imagem disponível em: www.google.com

As discussões e busca pela permanência do ensino da língua oral, cuja filosofia estava relacionada aos métodos pedagógicos numa visão clínica, e bem distanciados dos métodos pedagógicos, foi na época, algo trágico no processo de ensino aprendizagem do sujeito surdo. Também maior causadora e responsável pela quebra e rompimento de alguns paradigmas e contribuições de alguns educadores Franceses da época, que acreditavam que os surdos deveriam ser alfabetizados na sua própria língua, e através de métodos pedagógicos na língua de sinais.

Dentre os rompimentos dos métodos pedagógicos, que seria a alfabetização através da língua de sinais, se destaca o trabalho do educador Charles-Michel de IÉpée que em 1760 antes do congresso de Milão, sendo que este educador já desenvolvia e assumia um trabalho formal com surdos encontrados nas ruas de Paris, em que oralidade, alfabeto manual e criação

dos primeiros sinais misturavam-se em uma metodologia que conquistou o reconhecimento de alguns estudiosos. Como resultado desse educador Francês, filantrópico, fundou o primeiro Instituto de Surdos e Mudos de Paris (atual Instituto Nacional de Jovens Surdos), enveredando para uma educação, cuja metodologia utilizada atendia às necessidades dos sujeitos surdos.

Para que a língua de sinais fosse oficialmente aceita, podemos por em evidências a contradição dos dois métodos discutidos no decorrer desta formação, um deles foi o método pedagógico com práticas pedagógicas voltadas para a alfabetização de surdos na língua de sinais, desenvolvido por Charles Michel, mesmo o objetivo de ensino da época estando pautado em sentido religioso o que nos chama atenção é a alfabetização ser desenvolvida por estratégias pedagógicas significativas que contribuía para o desenvolvimento da língua de sinais.

O método usado para a alfabetização de surdos foi o método oral, tendo o principal objetivo de alfabetizar o surdo com foco na oralização, a fazer a leitura labial e adquirir a fala nos diálogos com a comunidade ouvinte. Entendia-se que a língua de sinais deixasse os surdos com os cérebros preguiçosos e com a capacidade de pensamento reduzida.

Alguns familiares acreditavam no método oralista e pelo fato de querer a sociedade no nível perfeito de falarem todos a mesma língua, optavam por esse método. Alguns surdos da época sentiam inferiorizados pelo fato de não conseguir oralizar a língua falada, às vezes essas práticas e embates aconteciam na mesma família onde um irmão surdo aprendia o método oral e o outro só conseguia comunicar através da libras.

Além do reconhecimento da língua de sinais nos processos pedagógicos, a escola pública para surdos em Paris tinha como eixo orientador a formação profissional, cujo resultado era trazido na formação professores surdos, para as comunidades, também a formação de profissionais em esculturas, pintura, teatro, jardinagens, marcenarias, artes gráficas e outros (SILVA, p. 26, 2006).

Durante esse processo se percebe que o método oralista tinha como objetivo principal, preocupar com a surdez, embora os dois métodos tinham relação pedagógica.

A marca desse grande retrocesso na vida dos surdos durou cem anos. Os surdos ficaram muito tristes, pois uma história bem construída estaria naquele período em desconstrução total, existem também registros de que na época alguns professores sensibilizaram com a situação e faziam usos da língua de sinais escondidos, uma vez que se

alguns destes fossem achados nesta condição eram punidos conforme determinação do congresso.

De acordo com (CAPOVILLA,2000, p.101)

À época, concebia-se a língua de sinais como uma forma inferior de comunicação composta de um vocabulário limitado de sinais equivalentes à mera Gesticulação mímica e pantomima, sem estrutura hierárquica, gramática abstração, limitada a uma representação holística de certos aspectos concretos da realidade.

Na década de 1880 até 1980 – tem sido um período de salto muito grande na historicização. Fundou a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos). Três amigos surdos reuniram-se e fundaram a instituição, sendo eles Ana Regina S. Campello, Fernando M. Valverde e Antônio C. de Abreu. Estes três sujeitos surdos que faziam uso da língua de sinais carregaram consigo a coragem de lutar a favor dos surdos e fundar uma instituição cujos objetivos é defender a origem da libras e o processo de escolarização dos surdos, pela língua de sinais. Mesmo que nas instâncias educacionais a língua legítima tenha sido banida, não há dúvidas que em espaços restritos os surdos ainda usavam essa ferramenta para se comunicar, embora sujeitos a punição.

Embora haja esse processo de repressão das línguas de sinais, a professora surda Karin Strobel (2008) afirma que:

A língua de sinais é transmitida nas comunidades surdas e, apesar de por muito tempo na história dos surdos ter sofrido a repressão exercida pelo oralismo, a língua de sinais não foi extinta e continuou a ser transmitida, de geração em geração, pelos povos surdos com muita força e garra. [...] A partir da década de 1950 iniciaram-se estudos aprofundados sobre as línguas de sinais como, por exemplo, o do americano William Stokoe (1965) e, no Brasil, dos ouvintes Lucinda Ferreira Brito (1986), Ronice Quadros (1995; 2004), Tanya Felipe (2002) e Lodenir Karnopp (2004) e os surdos linguistas Ana Regina e Souza Campello (2007) e Shirley Vilhalva (2007), que proporcionaram a valorização da língua de sinais, dando-lhes status de uma língua legítima do povo surdo (STROBEL 2008, p. 46).

Em registros mais recentes, a preocupação geral do ensino de LIBRAS é respeitar a autonomia do povo surdo e o poder de expressão na própria língua. A Declaração da UNESCO (1954) salienta a importância da língua materna em um registro sobre o assunto:

(...) é um axioma afirmar que a língua materna, língua natural, constitui a forma ideal para ensinar a uma criança(...) obrigar um grupo a utilizar uma

língua diferente da sua, mais do que assegurar a unidade nacional, contribui para que esse grupo, vítima de uma proibição, segregue-se cada vez mais da vida nacional (...) (UNESCO, 1994).

1.1 A contribuição linguística para a língua brasileira de sinais

A contribuição da linguística nos estudos de LIBRAS, se dá pelo fato de/na língua, traz a marca da identidade de seus falantes e representa elemento fundamental de coesão na construção intersubjetiva de traços indenitários. Nesse sentido a libras tem um papel de suma importância na comunidade surda, como uma comunidade linguística.

A linguística é uma ciência recente que foi inaugurada no início do século XX, definida com bastante sucesso entre as inúmeras ciências humanas, como estudo científico que tem como objetivo essencial “descrever ou explicar a linguagem humana”. (ORLANDI, 2009. p.9).

Nesta linha de raciocínio podemos dizer que a linguística é o estudo científico das línguas naturais e humanas, pois vemos nela a explicação dos fatos linguísticos, sendo a constituição dessa explicação por meio de desafios e complexidade que ocorrem no processo de adequação e criatividade da linguagem humana, que se dá por meio da enunciação.

A linguística está voltada para as explicações dos fatos linguísticos que se constitui com a complexidade e criatividade da linguagem humana, E nessa passagem de possibilidade da língua para uma instanciação discursiva que Benveniste afirma que a instância do possível da língua desdobra se numa instância discursiva. “A língua guarda um conjunto de forma que se constitui numa classe de indivíduos linguísticos” (BENVENISTE, 1970, p. 85). Visto que são por meio dos fatos linguísticos que grupos de surdos, ao fazer uso da língua, em certa comunicação adquirem maior condição de percepção e experimentação da (LIBRAS) Língua Brasileira de sinais sendo essa uma língua de modalidade espaço visual, natural; a linguística uma ciência que descreve línguas em todos os aspectos e formulam teorias de como elas funcionam. É necessário conhecer a sua gramática para compreender o processo de estrutura e significação, estabelecendo com maior eficiência os efeitos de sentidos num determinado enunciado. Para prosseguir com essa pesquisa é preciso definir o que é língua e linguagem na visão de alguns linguistas.

Conforme (Guimarães 2018 p.14), “a língua pode ser caracterizada como um conjunto sistemático de regularidades com as quais é possível dizer algo verbalmente, sendo a

língua um conjunto de elementos (sons, palavras, sintagmas, todo tipo de expressão) cujas relações constituem este conjunto de regularidades”. Com base no argumento do autor, é possível que as formas de expressão da língua de sinais também apresentam um conjunto sistemático de regularidades cujo objetivo é dizer algo através das configurações tomadas pela própria língua.

“A língua é um sistema de valores que se opõem uns aos outros; ela está depositada como um produto social na mente de cada falante de uma comunidade e possui homogeneidade, por isso é objeto da linguística, ainda conforme Saussure a língua não se confunde com a linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (SAUSSURE 1995, p.17). É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Os seres humanos podem usar uma língua de acordo com sua necessidade ou modalidade de percepção, exemplo na língua natural oral-auditiva, executada por falantes ouvintes de qualquer idioma sendo brasileiro ou estrangeiro, ou também modalidade viso espacial, neste caso utilizados por pessoas surdas ou utentes que fazem parte da comunicação da língua Brasileira de sinais ou língua de sinais Francesa.

A linguagem constitui na capacidade humana dos seres humanos se comunicarem, podemos seguir nesta direção, fazendo uma breve reflexão sobre os diferentes meios de comunicação, pensando nas abelhas.

Nesta direção, podemos analisar que os animais também têm uma linguagem, como exemplo da abelha podemos observar que segundo Lopes (1980), e as discussão de Benveniste (2005), concordam que, apesar de haver comunicação entre as abelhas, é algo infinitamente limitado se comparado às possibilidades da língua humana. Certo de que o que diferem a comunicação da linguagem humana comparada a dos animais é o aparelho fonador que só os seres humanos possuem inclusive os surdos, sendo que os mesmos emitem sons, embora não seja bem definido devido à ocorrência de outro fator que é a falta da audição.

Com base em pesquisas na área da linguística desenvolvida em 1960 por Stokoe observa se que a compreensão pelas línguas de sinais tem se estendido, várias investigações estão acontecendo para melhor compreender o funcionamento dessa língua. Elas são consideradas línguas naturais, devido possuir um sistema linguístico legítimo próprio. Segundo o linguista americano Stokoe, em 1960, o mesmo percebe e comprovam que as línguas de sinais atendiam os critérios linguísticos de uma língua genuína, tais aspectos eram

percebidos tanto no léxico, quanto na sintaxe, e ainda apresentavam capacidades infinitas de sentenças.

Segundo Stokoe e um grupo de Linguistas pesquisadores¹ de 1960 e 1970 que dedicaram estudos nas investigações de língua de sinais existe diferenças fundamentais entre línguas de sinais e línguas orais, uma é que a estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais.

Realizando a primeira descrição estrutural da ASL, (línguas de sinais americana), demonstram que os sinais poderiam ser vistos como composicionais e não holísticos, sendo os mesmos representados por um sistema dual, podendo ser analisados por termos de um conjunto de propriedades distintivas (sem significado) e dos movimentos constitutivos dos sinais representado na forma descritivas.

Vejamos na imagem abaixo a representação de um sinal representado por duas configurações de mão em S:



Esta concepção linguística estaria ligada ao sinal arbitrário, sinais que não apresenta nenhuma ligação com o significado. Pois os sinais icônicos ao serem enunciados, apresentam uma relação de características ligada ao seu significado. Exemplo na palavra Seminário representado por duas configurações de mão, o S, sendo que durante a enunciação do termo, o alocutário não faz referência com nenhuma imagem.

Desta forma para representar este sinal de seminário, vamos precisar dos parâmetros da LIBRAS excetas expressão facial e corporal.

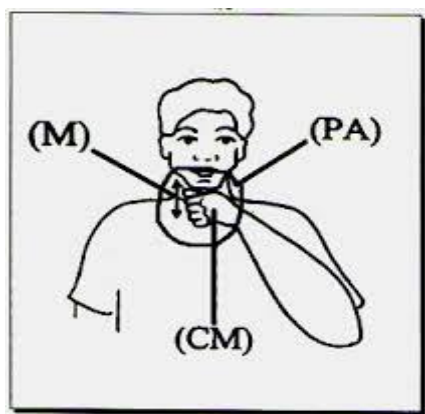
No espaço de enunciação vamos precisar do ponto de articulação neutro, da configuração da mão em S, do movimento semicircular em frente o tórax, e da orientação e direção para frente, desta forma temos o sinal de seminário.

¹ STOKOE (1960), BATTISON (1978 e 1980), KLIMA e BELLUGI (1979).

Stokoe foi o primeiro linguista a descrever em suas pesquisas a constituição dos elementos mínimos para a formação de um sinal, o mesmo identificou que para a realização de certo sinal seria interessante a elaboração de três elementos fundamentais para descrever um sinal.

A este conjunto de elementos ele chamou de par mínimo, que são elementos essenciais e fundamentais na sinalização de um sinal, que fora por ele nomeado de (L) Localização (L), configuração de mão (CM), e o movimento (M), pois o mesmo comprovou que em cada sinal apresentavam pelo menos três partes dependentes.

Vejam os abaixo o exemplo, demonstrando o que seria os pares mínimos num espaço de enunciação.



Unjalis.edu.br

Nesta enunciação o cm significa configuração de mão em s, o PA significa o ponto de articulação ou lugar onde realiza o sinal que é o queixo, e finalmente o M, significa movimento que é um toque no queixo, feito durante a realização de um sinal. A partir da junção dos três elementos da LIBRAS, temos um sinal que é traduzido em velho, tanto para mostrar ou referir um objeto ou a uma pessoa.

O conjunto de elementos presentes na enunciação de um sinal foi denominado por Stokoe de estruturas gramaticais de um sinal. Em Sign. Language, Structure, publicado em 1960, ficou registrado dezenove configurações de mão, e doze localizações distintas, e quatro tipos de movimentos na composição dos sinais. Naturalmente é obvio ressaltar que os trabalhos de Stokoe foram os primeiros passos para os estudos das línguas de sinais de outros países.

Battison (1978) apresenta uma proposta de acrescentar mais um elemento constituinte do sinal, trata-se da orientação da palma da mão. Anos mais tarde, Klima e Bellugi (1979), dando continuidade aos estudos de Stokoe e Battison, propõem uma nova nomenclatura

batizada posteriormente como *parameters* (KLIMA & BELUGGI, 1979, p. 40). Sendo esta nomenclatura OD (significando orientação e direção) e E.F.C (expressão facial e corporal).

Os estudos linguísticos no âmbito das línguas de sinais buscam descrever as propriedades gramaticais destas, objetivando, sobretudo, explicar como sua organização gramatical é estruturada. Além de contribuir para a ampliação do conhecimento das línguas em geral, sejam orais (auditivas-orais) ou de sinais (visuo-espaciais), o estudo em línguas de sinais contribui também na difusão dessas línguas na sociedade, promovendo o desenvolvimento da cidadania e a inclusão.

Desta forma a descrição linguística em línguas de sinais tem duas principais correntes: a. A primeira visa a descrever a organização gramatical a partir de princípios formais [na Língua Americana de Sinais (ASL): STOKOE (1960), BATTISON (1978, 1980), KLIMA e BELLUGI (1979), entre outros, já a segunda pretende explicar a organização gramatical em línguas de sinais através de princípios experimentais [na Língua Americana de Sinais (ASL).

1.2. As identidades da cultura surda e os traços de influências da cultura Portuguesa

A comunidade surda brasileira é identificada no meio social através do uso da língua de sinais. A língua de sinais contribui para que os falantes se interajam. É considerado que a partir do momento que o sujeito nasce em certo ambiente, possivelmente irá desenvolver técnicas e habilidades da língua de sua comunidade conforme suas práticas sociais.

A aprendizagem da língua materna, sem dúvida, se constitui pelo ato de convivências e experiências compartilhadas, a aprendizagem necessita da experiência para construir os sinais necessários para o uso da/na comunicação. Somos influenciados o tempo todo por aquilo que está mais próximo de nós, sendo estes os responsáveis pelas mudanças dos nossos hábitos linguísticos.

As influências da língua ocorrem na comunidade surda conforme as instâncias em que o indivíduo surdo encontra inserido, nessas dimensões há alterações nos hábitos linguísticos, uma vez que conforme esses hábitos vão se manifestando as identidades são identificadas.

A identidade torna-se uma “celebração do móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987).

É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2000, p.12-13).

Numa breve escala conforme algumas pesquisas, apresentadas por Perlin (1998.p 67), um resumo das setes identidades surda mais conhecida e vivida no contexto social brasileiro no qual imperam relações nas representações da alteridade surda.

1-Identidade surda – é reconhecível nos surdos que adotam as formas visuais de experienciar o mundo, nas suas diversas manifestações. O trocar dessas experiências é uma característica importante na construção dessa identidade (valoriza-se o momento de encontro entre os surdos).

2.Identidade surda híbrida – refere-se a surdos que tiveram acesso à experiência ouvinte, mas agora passam a conhecer a comunicação em sua forma visual; nascer ouvinte e posteriormente ser surdo é ter sempre presente duas línguas, mas sua identidade vai ao encontro das identidades surdas. Desta forma: São pessoas que nasceram ouvintes e perderam a audição com o passar do tempo, sendo por acidente, ou doenças. Usam a língua oral ou língua de sinais para captar mensagem, conhecem a estrutura do português.

Segundo Perlin, isso não é tão fácil de ser entendido, surge a implicação entre ser surdo, depender dos sinais e pensar em português, [...] assim você sente que perdeu aquela parte de todos os ouvintes e você tem pelo meio a parte surda. Você não é um, você é duas metades. (PERLIN, 2015, p. 64).

3.Identidade surda de transição - refere-se aos surdos (como filhos de pais ouvintes) que quebram uma concepção ouvintista de surdez e se filiam à identidade surda já mencionada, mas que ficam com sequelas da representação que são evidenciadas em sua identidade em reconstrução nas diferentes etapas da vida. Deste modo entendemos que são surdos que vivem juntos com ouvintes, onde estes conhecem e faz uso da língua de sinais, mas são visíveis as sequelas que carregam da cultura ouvinte, na maioria das vezes criam mecanismos para

facilitar a comunicação doméstica, por algum motivo esse surdo perde a comunicações e contato com outros surdos, neste processo ocorre a passagem da comunicação visuo-espacial para a comunicação visual oral auditiva.

Transição é o aspecto do momento de passagem do mundo ouvinte com representação da identidade ouvinte para a identidade surda de experiência mais visual. [...] no momento em que esses surdos conseguem contato com a comunidade surda, a situação muda e eles passam pela “desouvintização” da representação da identidade. (PERLIN, e MIRANDA, 2015, p. 64).

4. Identidade surda incompleta - refere-se aos surdos que tentam experienciar a surdez a partir do referencial ouvintista, uma vez que essa cultura é dominante, por exemplo, ridicularizam certos aspectos da identidade surda ou desencorajam os encontros da comunidade surda.

Conforme a autora compreendemos que esta identidade segundo a autora dá à identidade surda apresentada por aqueles que vivem sob a ideologia ouvintista ou latente que trabalha para socializar os surdos de maneira compatível com a cultura dominante. Essa identidade nega, no ponto de vista da autora, a representação surda ou a própria identidade surda.

5. Identidade surda flutuante - encontra-se em surdos “conscientes” da surdez, mas que não escapam à ideologia ouvintista e querem ser ouvintizados a todo custo; desprezam a cultura surda e não têm compromisso com a comunidade surda. Outros são forçados a viverem a situação como que conformados a ela. Muitos nem adquirem a Língua de Sinais e nem a comunicação oralizada, retendo fragmentações de identidades ouvintes e surdas, sem conseguir transitar em nenhuma delas.

Enfim, dentro da cultura surda temos diversas identidades. Percebe-se que cada sujeito manifesta sua expressão linguística, sempre influenciados pela cultura na qual esteja inserido. Deste modo percebemos que essas experiências estão atreladas sob o meio de convívio, essas diferenciações de categorização facilita a compreensão de como podemos

compreender esse funcionamento, pois se trata de identidade cultural, sabendo que as identidades linguísticas são influenciadas por essas categorias. Sendo a identidade linguística o meio que nos permite considerar se pertencente a uma determinada comunidade que é falante da sua língua natural.

Para facilitar a compreensão e as influências linguísticas veremos o quadro a seguir e sua subseções representando as características da língua de cada identidade da cultura surda, sabemos que a comunidade surda apresenta várias identidades surdas e cada uma delas são passíveis de realidade diferentes, cada uma apresenta a o motivo da causa, o meio de comunicação que utiliza, se conhece a estrutura da língua portuguesa, como conjugação dos verbos, uso do gerúndio e infinitivo, se conhece a estrutura gramatical da língua brasileira de sinais-, se faz o não usos de aparelhos sonoros que auxiliam na amplificação do som, e em qual língua se sente mais seguro ou afinidade para se comunicar.

Observe a seguir o quadro comparativo das setes identidades surdas mais conhecidas no Brasil desenvolvido conforme (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 217):

Identidades surdas	Causas da surdez	Língua	Conhece a estrutura da língua portuguesa	Domina estrutura da língua brasileira de sinais	Utiliza aparelho	Familiaridade linguística
Híbrida	adquirida	Libras	sim	Sim	não	Leitura labial
Flutuantes	congênita	Sinais caseiros	não	Não	não	Difícil comunicação
Embasadas	congênita	Sinais caseiros	não	Não	não	Nenhuma
Transição	adquirida	Sinais caseiros	Em partes	Sim	não	Na língua de mais estímulo
Díáspora	Congênita	Libras	Em partes	Sim	As vezes	Libras em aprendizagem
Intermediária	adquirida	Língua portuguesa	sim	Sim	sim	Oralizado
Incompleta	Congênita ou adquirida	Língua portuguesa	Sim	Sim	sim	Oralizado

SEÇÃO II

EMBASAMENTOS TEÓRICOS DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO/ENUNCIÇÃO PARA ANÁLISES DA LÍNGUA BRASILEIRA SINAIS

A língua brasileira de sinais, as formas de expressão se constituem em unidades linguísticas na dimensão visual, também passível de estabelecer em paralelo com uma dimensão gráfica. (Dias, 2018, p. 40)

Nesta seção, mobilizaremos os construtos teóricos da Semântica da Enunciação/Acontecimento definidos por Eduardo Guimarães, que considera a constituição dos sentidos a partir da linguagem na sua relação com os sujeitos, língua e sócio histórico.

2. A Semântica do Acontecimento e a Enunciação

A semântica do acontecimento é uma “disciplina científica que se ocupa da significação como uma disciplina geral e não como um componente da gramática” (GUIMARÃES, 2018, p.7). Sendo a enunciação acontecimento porque os enunciados tomam partido, são políticos, podendo assim ‘acontecer’ socialmente. Em decorrência dessa afirmação, é possível dizer que se a enunciação fosse um ato individual, não seria um acontecimento.

Nesse sentido, a teoria que o semanticista desenvolve: “uma semântica que analisa enunciados e expressões no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p.9).

O acontecimento de linguagem por se dar nos espaços de enunciação é um acontecimento político. Ou seja, a constituição da temporalidade do acontecimento se faz pelo funcionamento da língua enquanto numa relação com línguas e falantes regulada por uma deontologia global do dizer em uma certa língua. (GUIMARÃES, 2017, p.24)

A enunciação para Eduardo Guimarães (2018, p. 14) é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes dessa língua.

Nessa perspectiva, podemos pensar que a enunciação se faz presente no ato da interação, interlocução de qualquer língua, independente da modalidade, o que importa e nos interessa conforme essa teoria, é que os falantes dessa língua compreendam o que está sendo dito.

2.1 O Político

A produção de sentido pelo acontecimento envolve o agenciamento do falante; pois o sentido se constitui pelos modos de agenciamento no acontecimento de linguagem. Desse modo, Guimarães aponta que ao falante só é possível dizer de um lugar social e político que o constitui. Enfatizando que “a enunciação não se caracteriza por intenções de alguém” (GUIMARÃES, 2018, p.44).

Diante dessa afirmação de Guimarães, pode compreender que julgar ou considerar o político como relações sociais da linguagem, seria necessário caracterizá-lo fora das concepções negativas. Pois o político é a contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos. (GUIMARÃES, 2017 p 22).

Com base nessas considerações podemos perceber que na sociedade onde estamos inseridos, a grande massa é a comunidade ouvinte e os surdos são a minoria, percebemos essa afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos se manifesta quando há conflitos com a divisão desigual do real em nome do pertencimento de todos no todo. Essa condição social do sujeito surdo é marcada quando são beneficiados ou reconhecidos pelos seus direitos, e quando estes não conseguem alcançar seus objetivos ou usufruir dos seus benefícios cabíveis, e uma vez que reivindicando seus direitos por meios legais, e a eles são concebidos uma certa condição de acesso, sabemos que o político está aí sempre assim dividido pela desmontagem da contradição que o constitui.

Para dar sequência nesta pesquisa científica que tem como objetivo analisar os sentidos produzidos nas expressões comunicativas da língua de sinais precisamos nos atentar nos conceitos afirmados por Guimarães que contribuem como base teórica para melhor compreender o funcionamento desta língua, como adiante analisaremos o espaço de enunciação que é da língua brasileira de sinais, vemos que “a enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos falantes desta língua” (GUIMARÃES, 2018, p.14). Nessa direção, pode-se dizer que a significação é produzida no acontecimento de certa língua, neste caso a de sinais, concebida na dimensão visual.

2.1.1 Espaço de Enunciação /Argumentação e a Cena Enunciativa

Neste item, vamos tratar sobre espaço de enunciação discutido por Guimarães, em seguida abordaremos o conceito de língua de sinais para os sujeitos surdos que vivem e que sinalizam no mesmo espaço de enunciação dos falantes de português.

Segundo o autor, o espaço de enunciação é o lugar onde as línguas se misturam dividem, desfazem, por uma disputa incessante, assim compreendemos que o conceito de espaço de enunciação traz para essa teoria enunciativa a relevância de se pensar o falante, ou seja, no espaço habitado por falantes, sujeito divididos pelos seus diferentes modos de dizer, e permite considerar o funcionamento enunciativo a partir de uma relação política entre falantes e línguas. Desse modo, “o conceito de espaço de enunciação exige que estes aspectos sejam considerados como constitutivos do processo histórico do funcionamento da linguagem e das línguas” (GUIMARÃES, 2018, p.34).

Desta maneira dissemos que os falantes de língua de sinais-LIBRAS, são sujeitos que sinalizam neste mesmo espaço de enunciação, sendo a visibilidade e funcionamento desta língua transmitido através da dimensão visual.

Para Guimarães (2010, p.78), “o processo de argumentar é dar uma direção do dizer [...], ou seja, é o modo de conduzir o texto para uma finalidade”. Sabemos que a língua tanto a portuguesa quanto a língua de sinais já contêm argumentatividade, assim podemos dizer que a mesma não apresenta necessidade de esse remeter à intenção do sujeito.

Para compreendermos melhor sobre os questionamentos apontados na dimensão da língua de sinais, é necessário buscar na teoria de Guimarães conceitos que sustentam os argumentos da estrutura linguística da Libras. Para Guimarães, o acontecimento “é o que faz diferença na sua própria ordem” (GUIMARÃES, 2018, p.37). Dessa forma, exige-se que algo seja relacionado ao fato de significação, em outras palavras, a ordem em que algo é considerado é o que lhe dá sentido de acontecimentos específico.

Na língua de sinais a relação de significação está ligada a configuração de mão, ao movimento e no ponto de articulação, ou seja, aquilo que significa enquanto representado por uma figura enunciativa. Para exemplificar este exemplo tomo aqui como referência o sinal de bicicleta, que é um dos termos que será abordado nas análises mais adiante. Ao observarmos a mão configurada em S, por si só não tem significação nenhuma, mas quando observamos a mesma no ponto de articulação neutro, com movimentos circulares e com a mão configurada

em s, logo vemos nesta figura enunciativa a combinação de três elementos da língua de sinais significando o termo bicicleta.

Estes modos de significar apresentados na Semântica da Enunciação/Acontecimento permitem, por um lado, refletir sobre a argumentação e a argumentatividade a partir do acontecimento enunciativo e das relações entre as figuras da enunciação. Para o semanticista, a argumentação é produzida pelo próprio acontecimento enunciativo, uma vez que ela “é a sustentação que um eu faz a um tu relativamente a algo sobre que fala” (GUIMARÃES, 2018, p.97)

Nessa direção, a diferença que constitui a especificidade do acontecimento é uma “temporalidade de sentidos”, composta por passado, presente e futuro, sendo que o acontecimento é o que constitui a sua temporalidade, ou seja, o passado é o sentido de enunciações passadas que se apresentam como sentido do enunciado, o presente é aquilo que se articula como próprio da relação entre o enunciado e o seu enunciador, e o futuro é a projeção de sentidos que se estabelece por este enunciado.

No que se refere ao recorte do passado, o semanticista denomina de memorável, e a projeção de enunciações futuras, de futuridade. A cada vez, a temporalidade do acontecimento é significativa, de modo que a produção de sentido ocorre sempre que enunciamos.

Segundo Guimarães, a cena enunciativa é concebida como uma categoria de análise metodológico-descritiva dá visibilidade à divisão dos lugares de enunciação, o que permite afirmar o caráter político e politópico da enunciação, bem como a não unidade do dizer.

Com base na afirmação de Guimarães, temos agora a divisão constitutiva entre o Locutor e o alocutor-x (não mais locutor-x); e a relação de alocução que se instaura entre Locutor (L) e Locutário (LT), e entre alocutor (al) e alocutário (at). Alocutor x (enuncia algo para) alocutário (LT), esta relação entre alocutor e alocutário que pode ser chamada de alocução.

O Locutor, aquele que diz, é constituído “pelo agenciamento das sistematicidades linguísticas”, enquanto que o alocutor é constituído “pelo agenciamento das condições histórico-sociais dos falantes” (GUIMARÃES, 2018, p.50).

O enunciador, por sua vez, “é um modo de o eu se apresentar na sua relação com o que se diz” (GUIMARÃES, 2018, p.62). Nesta direção, percebemos que o enunciador pode falar numa perspectiva individual, coletiva ou universal, assim compreenderemos esta relação nas análises posteriormente desenvolvidas. Observemos melhor a divisão social dos lugares do dizer dos enunciadores:

Para Guimarães o enunciador-individual, é aquele que se diz não coletivo que representa o dizer que está acima de todos, história. Já o Enunciador-genérico constitui na representação do dizer da voz de todos. Falando aquilo que todos dizem.

Enunciador-coletivo se caracteriza por ser a voz de todos que fala em nome dos outros e o Enunciador-universal pode ser definido como dizer válido cientificamente, vem representando o dizer que caracteriza como válido para todos, global, representado, por exemplo, no dizer da ciência, do Estado.

Observar a argumentação, para Guimarães, relaciona-se com o próprio funcionamento semântico do acontecimento, na medida em que o alocutor apresenta o enunciador, sustentando assim “uma conclusão a partir de uma articulação de lugares de dizer diferentes que a apresentação do alocutor faz significar diferentemente” (GUIMARÃES, 2018, p.106). Assim compreendemos que o funcionamento semântico é o processo de nomeação onde algo recebe um nome, nessa perspectiva, “a relação de argumento a conclusão se estabelece pela apresentação que o lugar social de dizer faz do enunciador” (GUIMARÃES, 2018, p.107).

A argumentação, para Guimarães, é, portanto, uma significação produzida pela enunciação. Diante de tais afirmações podemos dizer que na semântica do acontecimento, encontramos elementos que serve para analisar o funcionamento semântico da língua de sinais; se a argumentação é uma significação produzida pela enunciação, logo podemos pensar que essa teoria completa a compreensão de que na língua de sinais a argumentação seria a sinalização que passa a significar após compreendermos o que o sinal significa após realizado em um certo espaço de enunciação.

Desse modo, a sinalização não é a busca da persuasão, mas sim a “sustentação de uma posição sobre algo que a enunciação significa. (GUIMARÃES, 2018, p.108).

Nesse sentido, a argumentação representa o embate dos sentidos, exatamente porque produz uma partilha do real no acontecimento enunciativo.

A argumentatividade, por sua vez, é, para Guimarães, o “modo de integração dos enunciados ao texto” (GUIMARÃES, 2018, p.109). Nesse sentido, o semanticista concebe que “está inscrito no próprio funcionamento da língua um modo de orientar argumentativa mente o que é enunciado. Trata-se, desse modo, do agenciamento do falante pela língua, isto é, por suas regularidades sistemáticas - o que se dá do lugar do Locutor, aquele que diz na cena enunciativa.

Para relacionar a argumentatividade à argumentação, Guimarães retoma a questão dos modos de funcionamento semântico do acontecimento enunciativo, mais especificamente a alusão. Nesse sentido, “a relação de argumentatividade, enunciada do lugar do Locutor, enquanto tomado pela língua.

2.1.2 Reescrituração

Nesta seção, com base na teoria de Guimarães, vamos discutir sobre articulação e procedimentos mobilizados pela enunciação.

A reescrituração é uma operação que significa, na temporalidade do acontecimento, o seu presente, compreende-se que a reescrituração é a pontuação constante de uma duração temporal daquilo que ocorre. E ao reescrever, ao fazer interpretar algo como diferente de si, este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. (GUIMARÃES, 2017, p.38).

Sobre a análise da designação de um nome, Guimarães destaca que não é preciso detectar todas as reescriturações das palavras envolvidas para se analisar uma designação e sim “encontrar enunciados que apresentem condições decisivas, relativamente à constituição do sentido da expressão no acontecimento” (GUIMARÃES, 2018, p.163). “O fundamental quanto à designação é pensar que ela é o sentido de um nome pelo qual se recorta o real, o mundo das coisas” (Idem, p.171).

Assim podemos pensar que a designação, tal como desenvolvida por Guimarães, permite conceber que falar do/sobre o mundo é da ordem de uma relação de linguagem, que é, por sua vez, sempre construída enunciativamente e não de forma referencialista.

Dessa forma, o processo de designar está relacionado a organização enunciativa. Analisar este processo consiste em interpretar como ocorre o funcionamento das determinações num acontecimento da linguagem. “Se não se pode pensar a linguagem sem considerar que ela fala de algo fora dela, não se pode também considerar [...] que a significação, o sentido seja um modo de apresentação do objeto” (GUIMARÃES, 2002, p.91).

A reescrituração não consiste em reescrever a mesma palavra ou sentença, mas apontar a diferenciação de sentido entre uma determinada forma. Nesse sentido, precisamos pensar em algo novo que se apresenta a partir da reescrituração.

A reescrituração é o procedimento pelo qual a enunciação de um texto rediz insistentemente o que já foi dito fazendo interpretar uma forma como diferente de si. Este procedimento atribui (predica) algo ao reescriturado. [...]

e coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido de um texto. Vou chamá-la de operação de predicação. Não se trata aqui de uma relação de predicação entendida como própria do enunciado, da sentença, da frase. Trata-se de uma operação pela qual, no fio do dizer, uma expressão se reporta a outra, pelos mais variados procedimentos (GUIMARÃES, 2007, p. 84).

Segundo Guimarães a articulação pode ser compreendida por três diferentes modos, o primeiro por dependência, o segundo por coordenação e no terceiro por incidência. Entendemos que na dependência existe certa relação e se apresenta como único conjunto entre os elementos contíguos, na coordenação há uma existência de acúmulo de elementos contíguos, já na incidência esta relação de dependência não existe entre os elementos.

Sintetizando melhor a compreensão sobre a articulação vemos o que diz Guimarães:

Nas articulações de dependência e coordenação, o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona elementos do enunciado, na articulação por incidência o acontecimento especifica uma operação pela qual o Locutor relaciona a enunciação com o enunciado. (GUIMARÃES, 2009, p. 51)

2.1.3 Formação Nominal

A formação nominal é a constituição interna e externa das formas para a constituição da unidade nominal. As formações articulatoriamente configuradas sustentam materialmente o referencial histórico, a memória das significações dos seus termos e a pertinência do nome nas cenas enunciativas em que contrai relação de pertencimento. (DIAS, 2018, p. 143).

Baseado na concepção de formação nominal é que vamos aqui fazer uma breve referência para melhor compreender o conceito, não queremos mostrar como fazer uma análise, pois faremos isto no próximo capítulo, mas queremos mostrar o conceito de formação nominal a partir de um termo bastante usado no decorrer desta pesquisa. Assim podemos pensar no termo língua de sinais, se basearmos nesse termo para melhor compreendermos o conceito, logo podemos pensar que “língua de sinais” são duas estruturas de sintagma nominal acompanhado de uma preposição, e mais um sintagma nominal. Nessa concepção dizemos que uma construção nominal é uma formação das condições em que essa construção baliza um domínio referencial, nesse caso o referencial seria ‘língua’, isto é, implica entender que é óbvio que o conceito de formação nominal é muito além do que abordagem de

nominalidade, ou processo de nomeação, pois um sintagma nominal segundo (Frege) abrigaria o modo como se apresenta a entidade que ele nomeia.

Como abordado acima no termo língua de sinais, o núcleo seria Língua, pois a mesma estaria fazendo referência do que seria essa língua, neste caso que é a língua de sinais.

Diante desta concepção, o processo de nomeação sendo de um ser ou objeto, há necessidade de observar e compreender as funções dos determinantes, neste caso os substantivos e adjetivos e a função dos seus respectivos funcionamentos enunciativos que o constituem. Assim podemos dizer que no exemplo de língua de sinais, o determinante é sinais.

Conforme (Perini 2016), no sintagma nominal o núcleo informa o tipo geral de coisa a que se quer fazer referência. Nesta direção retomemos ao termo Língua, que é um termo genérico, o que esta língua se refere que os sinais é que individualiza a língua, o que esta língua, agora não pensamos numa língua qualquer, e sim somente na língua de sinais.

Nesta direção compreendemos que os sinais que tratamos aqui, não são simplesmente gestos ou mímicas feitas aleatoriamente, mas sim em sinais que são expressões sinalizadas, significativas dentro de um contexto gramatical de uma determinada língua conhecida como LIBRAS- Língua brasileira de sinais. Ainda, segundo o autor, os limitadores restringem a referência dessa coisa até o ponto desejado do falante.

O processo de formação nominal relatado por Dias apresenta elementos semânticos que nos permite compreender a função dos determinantes que nomeia esta formação, 'língua de Sinais' que é identificada pela sigla (LIBRAS) cujo adjetivo aparece atribuindo qualidades e dando características a essa língua, ou seja, determinantes que aparece qualificando o substantivo.

Desta forma dissemos que língua é um substantivo genérico, o de é uma preposição, e sinais é o adjetivo, assim como brasileira também é um adjetivo substantivo, desta maneira o primeiro adjetivo sinais, aparece determinando características ao substantivo genérico língua, já o brasileira é o determinante que especifica o lugar que pertence essa língua de sinais, que é do Brasil.

Conforme as considerações de (Dias, 2018, p.163), os estudos embasados na formação nominal estão fundamentados na concepção de que os sentidos são constituídos na forma de como apresentamos um referente do mundo real ou imaginário.

Assim, compreendemos que os sentidos podem estar ligados aos modos de como as pessoas atribuem ou concebe os sentidos, sem referenciá-los a um determinado produto, seria a significação de um nome enquanto mobilizados no processo de enunciação.

Falar de formação nominal do ponto de vista de Dias (2018), seria analisar os cenários enunciativos e as possíveis mudanças envolvendo o investimento em uma terminologia que possa destacar a constituição da unicidade nominal, identificando os nomes dos seus determinantes formando um grupo nominal.

Para melhor compreensão dos conceitos, sabemos que é indissociável a identificação das classes gramaticais e como elas contribuem para a compreensão das funções sintáticas nos enunciados.

Enfim, sabemos também que o conceito de formação nominal se encontra sustentado em Guimarães, que analisa os processos de domínio semântico de determinação pelo que um nome pode ser determinado tanto do ponto de vista da articulação, quanto do acontecimento do dizer; podendo dizer que a relação fundamental para o sentido das expressões linguísticas se dá pela determinação.

Com base nos conceitos desenvolvidos por Dias (2018), sobre formação nominal, e na teoria de Guimarães, com a Semântica do Acontecimento/Enunciação, é sentimos sustentados para desenvolvermos as análises semânticas em enunciados retirados da plataforma digital WhatsApp, cujas análises serão desenvolvidas no próximo capítulo, a fim de executar ambas as teorias, levando em consideração o espaço de enunciação que é da língua de sinais.

Nestes recortes selecionamos enunciados que apresentavam situações da língua na qual a língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) com a Língua Portuguesa apresentava enunciados que poderiam ser compreendidos por falantes da Língua Portuguesa.

Com o objetivo de comprovar a hipótese sobre como se dá a constituição dos sentidos nos enunciados retirados de plataforma digital WhatsApp, cujas expressões serão compreendidas por sinalizantes que reconhece a língua de sinais, tomando como foco o papel das formas linguísticas na enunciação, tendo em vista que as formas linguísticas se definem enquanto unidades de significação. Desta forma, a significação de uma palavra ou expressão realizada por sujeito surdo em um enunciado será compreendida a partir das análises que envolvem todo processo enunciativo no acontecimento do dizer no espaço de enunciação.

SEÇÃO III

ANÁLISES DE ENUNCIADOS DA PLATAFORMA DIGITAL WHATSAPP

Nesta seção, tomamos os recortes de análises enquanto materialidades linguísticas que são analisadas a partir de uma perspectiva teórica, a Semântica da Enunciação/Acontecimento. Nesta direção, partimos do ponto que a língua brasileira de sinais, as formas de expressão se constituem em unidades linguísticas na dimensão visual, também passível de estabelecer em paralelo com uma dimensão gráfica (DIAS, 2018).

3.1 Descrição e Análise do Corpus

As análises são feitas de recortes específicos que sejam decisivos relativamente ao funcionamento do sentido da palavra. Recortes decisivos são aqueles que trazem proeminentes, características do fato que, se procura analisar (GUIMARÃES, 2011, p. 90).

“O estabelecimento de um *corpus* para as análises nos estudos de linguagem requer, antes de tudo, uma tomada de posição em relação ao procedimento teórico-metodológico, com o qual o pesquisador irá efetivamente desenvolver a análise” (KARIM, 2012, p.47).

Com base na afirmação de Karim (2012), para desenvolver os estudos de linguagem é preciso, antes de tudo, assumir uma posição teórico-metodológica. No caso específico de nosso trabalho, tomamos os estudos enunciativos como lugar específico para as análises. A outra questão fundamental é a de ter clareza sobre o *corpus* a ser analisado a partir da definição do objeto de análise, e a partir dessas questões definidas o pesquisador irá lançar mão da metodologia que justifique essas análises.

O *corpus* se constitui de um material selecionado da plataforma digital, o WhatsApp, resultado de diálogos entre falantes surdos e ouvintes.

A plataforma digital WhatsApp que circula nas redes sociais pelo mundo todo é uma ferramenta de comunicação, isto é, um aplicativo para smartphone prático, gratuito e de fácil acesso. Este aplicativo é muito usado pela maioria da comunidade surda, assim, essa plataforma permite uma aproximação entre os surdos e os ouvintes. A importância desse aplicativo se dá de forma significativa, pelo fato do mesmo ser composto de emojis/figuras, câmera frontal e trazeira, sendo que os surdos podem comunicar através de textos escritos, ou chamada de vídeo, por “emojis” e ainda gravar o vídeo no próprio WhatsApp e em seguida enviar, se for o caso de não querer ou não poder fazer comunicação conectada no momento.

O *corpus* desta pesquisa se constitui de recortes de diálogos retirados de conversas de falantes surdos com falantes ouvintes do aplicativo WhatsApp. Quando chamamos os surdos de falantes, estamos fazendo uma relação com a teoria de Guimarães 2018, que diz que falante não é aquele que fala esta ou aquela língua, mas é aquele que é agenciado pela língua que fala

Os alocutores são sujeitos surdos, jovens, moradores da cidade de Cáceres e tiveram acesso à universidade, estão cursando uma graduação.

O alocutor surdo da primeira análise, é acadêmica do curso de pedagogia do 7º semestre de faculdade privada, possui fluência na língua de sinais, reconhece em partes a estrutura do português.

O segundo alocutor que aparece a seguir na segunda análise, é acadêmica do 8º semestre de pedagogia de faculdade privada, é fluente em libras, também é instrutora surda, funcionária de escola pública.

O terceiro recorte temos o alocutor surdo, acadêmica do quarto Semestre de letras faculdade pública, instrutora surda aprovada pelo CASIES, também funcionária de supermercado.

No quarto recorte temos um alocutor surdo professor habilitado em ciências da computação, instrutora surda, aprovada pelo CASIES, e pós-graduada em libras.

Já na última análise temos um alocutor surdo estudante do 2º semestre de pedagogia em faculdade privada, funcionário de lojas de eletrodomésticos.

Os diálogos foram coletados durante conversas informais entre sujeito surdo e mestranda. Em seguida, os surdos que estavam no diálogo após encerrar a conversa foram notificados de que aquele diálogo serviria de registro como parte de material de análise do estudo proposto. A notificação não foi feita anterior a conversa para evitar que os mesmos sentissem inibidos, nem buscassem ajudas de ouvintes para se expressar, e ainda foi deletado/pintado de vermelho os nomes pessoais que apareceram nas conversas. Os diálogos só foram inseridos neste trabalho após a confirmação dos mesmos. Vale destacar que neste acordo entre entrevistado e pesquisador o nome dos entrevistados não seria divulgado, devido não termos passado no comitê de ética. Passemos agora a descrição e análise do primeiro diálogo:

Os subtítulos nomeados em cada uma das análises, se deu pela mobilização dos sentidos envolvidos em cada enunciação.

3.1.1 Venda de uma Bicicleta:

No nosso primeiro recorte, o diálogo se dá entre a alocutor surda com a alocutária-amiga que é também uma intérprete de Libras. O assunto gira em torno da proposta de venda de uma bicicleta do falante surdo para o falante ouvinte. Vejam a seguir o recorte R(1), como esse diálogo se dá entre sujeito surdo/ouvinte usando o aplicativo WhatsApp.



Fonte: autoria própria

Vejam que a cena enunciativa se configura no espaço de enunciação da língua portuguesa tida como segunda língua para o sujeito surdo. Nesta enunciação, temos um alocutor-vendedor fazendo uma venda de uma bicicleta e do outro lado temos uma alocutária-amiga. Nesta enunciação há divisões sociais do dizer, sendo que o locutor falante surdo fala de um lugar social de vendedor, numa perspectiva de enunciador individual representando

uma única voz ao enunciar. Nessa direção, a produção de sentido pelo acontecimento envolve o agenciamento do falante, pois o sentido se constitui pelos modos de agenciamento no acontecimento de linguagem. Desse modo, Guimarães aponta que ao falante só é possível dizer de um lugar social e político que o constitui (GUIMARÃES, 2018, p.44).

Observemos agora a enunciação que diz:

Vender bicicleta você poder comprar?

No primeiro enunciado, percebemos que o sujeito surdo apresenta a estrutura de escrita conforme a língua de sinais- LIBRAS, Ou seja, ocupa um espaço de enunciação que é da língua portuguesa. Na estrutura gramatical percebemos que o verbo aparece no início da frase, através dessa escrita percebemos que o sujeito surdo faz uma oferta da venda de uma bicicleta. Nesta enunciação, vemos que há omissão do pronome pessoal 'eu' e do verbo auxiliar 'ter' que poderia estar aparecendo antes do verbo vender.

Desta forma, ao tomarmos a relação com a língua portuguesa, podemos dizer que o enunciado ficaria: *Eu tenho uma bicicleta para vender, você quer comprar?* Assim podemos ver que a estrutura da escrita é da língua portuguesa e que se adequa as normas da língua sujeito, verbo e objeto.

Desta forma daremos continuidade na análise parafraseando, afim de percebemos como ocorre a construção dos sentidos nesses enunciados. Assim a enunciação que diz *vender bicicleta você poder comprar?* Poderá ser parafraseado por:

A1- Eu estou vendendo uma bicicleta você pode comprar?

A2- Eu Tenho uma bicicleta para vender você quer comprar?

Ao analisarmos a escrita do sujeito surdo e ao fazermos relação com as paráfrases, logo podemos perceber que a relação de sentido entre as palavras se constrói enunciativamente.

Nesta concepção, podemos dizer que mesmo com a omissão do pronome pessoal, e a ausência do verbo auxiliar, e a presença do verbo no infinitivo, percebe-se que a construção dos sentidos ocorre sintaticamente. Ou seja, é nas formas sintáticas que percebemos os sentidos sendo construídos, mesmo que as formas de articulação sejam diferentes das formas de articulação usadas pelos ouvintes.

Conforme a escrita que acabamos de analisar podemos observar que os surdos fazem uso da língua portuguesa, ou seja usam a escrita, mas o que predominam nas análises é a sintaxe das línguas de sinais, (LIBRAS).

Nesta relação descritiva percebemos que os sentidos que aparecem em *vender bicicleta você poder comprar?* São os mesmos que aparecem em eu estou vendendo uma bicicleta você quer comprar.

Se para Guimarães (2018), a argumentatividade é a orientação do dizer, e que na construção argumentativa ocorre a apresentação pelo locutor para seu alocutário de uma relação de sentidos, que orienta a direção do dizer; assim compreendemos que temos de um lado o Locutor sujeito surdo falando de um lugar social de vendedor, numa perspectiva de enunciador individual, para seu alocutário-amiga, orientada pelos argumentos de uma possível negociação de venda de uma bicicleta.

Segundo Guimarães (2018), O falante é agenciado na cena enunciativa, em locutor no espaço de enunciação de modo que as relações de argumentação se tornam próprias da cena enunciativa. Nesta direção, percebemos que a partir de que o direito ao falar é dividido no espaço de enunciação, Guimarães, toma a argumentação como política já que o seu sentido não é persuadir e sim sustentar um lugar social.

Desta forma, num mesmo enunciado é possível obtermos construção de vários sentidos, vejamos que no primeiro enunciado o falante surdo propõe a venda da bicicleta, já no segundo enunciado a mesma diz que precisa de dinheiro rápido. O termo da grafia usado pela falante surda '*precisar de dinheiro rápido*' inicia se com o verbo no infinitivo, com ausência do verbo auxiliar, que seria a primeira pessoa do singular do presente indicativo. Assim o enunciado pode ser parafraseado por:

A1-preciso de dinheiro.

A2- preciso de dinheiro agora.

A3- Neste momento estou precisando de dinheiro.

Nessa perspectiva, ao compararmos a enunciação *precisar dinheiro rápido*, e em *preciso de dinheiro*, analisamos que a estrutura da língua de sinais sempre é a que predomina. Pois a estrutura da língua de sinais (SVO). Tanto OSV e SOV são ordens derivadas somente mediante alguma marca especial (presença de traços), tais como as marcações não manuais que concorrem com as palavras (QUADROS,1999).

Ao analisarmos o adjetivo *rápido*, relação de urgência, percebemos que o que predomina o objetivo do sujeito, que é adquirir em breve aquele valor monetário que é o valor da bicicleta.

Percebe-se que a articulação das formas sintáticas na paráfrase 1 e 2, inicia com verbo auxiliar e verbo transitivo, seguido de preposição que antecede um substantivo incontável, esta enunciação nos leva a observar movimentos que deslocam sentidos ressignificam em outras instâncias. Vemos que o sentido de bicicleta que aparece no primeiro enunciado, no primeiro momento aparece no sentido de meio de locomoção, meio de transporte. Ao depararmos com o segundo enunciado: “*Precisar dinheiro Rápido*”, há um deslocamento de sentidos, pois a expressão *bicicleta* deixa de ser um meio de transporte e passa a ser um objeto que se transforma em um dinheiro que supre as necessidades naquele momento.

Nessa direção, a produção de sentido pelo acontecimento envolve o agenciamento do falante, pois o sentido se constitui pelos modos de agenciamento no acontecimento de linguagem. No último enunciado quando o locutor/ vendedor diz para o seu alocutário/amiga o valor da bicicleta, “*dinheiro 300,00*”, percebemos que primeiro aparece o substantivo incontável e na sequência o numeral.

De um lado vemos o funcionamento morfossintático da expressão, exposto a ordem inversa do português, pois na língua de sinais- LIBRAS, primeiro sinaliza *dinheiro* depois sinaliza o *valor* com a mão posicionada os dedos para cima indicando quantidade de números não permanentes, ou seja, números que podem ser alterados, seguida de sinalização de três zeros no sentido horizontais, de outro lado o funcionamento semântico enunciativo e sua temporalidade do acontecimento, levando em conta de como se dá o agenciamento da figura de enunciação presente nas cenas enunciativas.

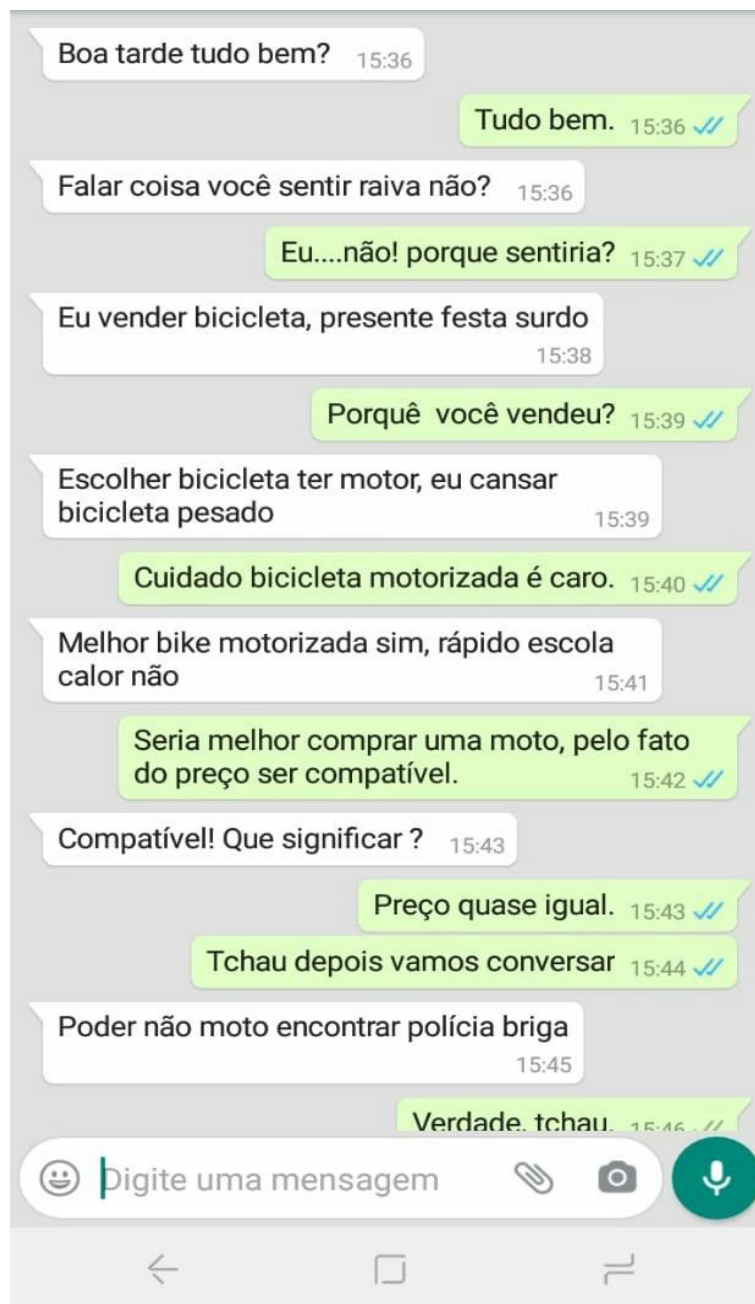
Para Nunes (2006), o fato lexical é um fato social, sendo assim, estão sujeitas as forças sociais, é nessa perspectiva que o discurso produz sistematicidades linguísticas e que as palavras podem apresentar sentidos diferentes, uma vez que sustentados pela posição dos sujeitos.

Desta forma podemos dizer que na LIBRAS, Língua Brasileira de sinais, primeira língua da pessoa surda, as palavras são concebidas como tradução de um sinal já simbolizado mentalmente, pois o surdo só descreve a palavra, depois que o sinal é feito simultaneamente ou mentalmente. Segundo Dias (2018) as palavras são passíveis na dimensão visual, compreendemos que diante desta dimensão os enunciados não seguem uma ordem estrutural

conforme a língua portuguesa, que é sujeito, verbo e objeto. Mas seguem a estrutura linguística da LIBRAS .

3.1.2. Compra de bicicleta motorizada

Nosso segundo recorte, o (R2), selecionamos uma conversa em que o falante surdo justifica ao falante ouvinte a venda de uma bicicleta que ele ganhou em um evento, mas que era preciso vender, pois precisava de uma bicicleta motorizada vistos os benefícios que ela traria para o seu bem-estar. Durante a conversa, o al-ouvinte sugere ao al-surda, que devido o preço comercial da bicicleta motorizada ser elevado, a melhor opção seria uma moto, mas a falante surda ressalta que não pode ter moto devido não possuir CNH. Conforme podemos verificar no R(2) a baixo:



Fonte: autoria própria

No enunciado “*falar coisa você sentir raiva não*” a princípio pode ser dividido em duas orações, sendo que a primeira inicia com o verbo *falar* no infinitivo, na primeira conjugação, seguido de substantivo feminino; já na segunda oração temos o pronome pessoal *você*, seguido de verbo também no infinitivo, acompanhado de um substantivo feminino, que neste enunciado está funcionando como uma locução adverbial indicando uma versão de sentimento relacionada a um comportamento ao deparar com uma notícia ruim.

Neste enunciado, vamos analisar o funcionamento morfossintático das expressões nos enunciados e de outro lado também analisaremos o funcionamento semântico enunciativo e sua temporalidade do acontecimento. Vamos analisar o modo de como se dá o agenciamento das figuras enunciativas em cada cena enunciativa.

Na cena enunciativa do (R2) temos o Locutor que fala de um lugar social de locutor/amiga para seu alocutário uma amiga intérprete de libras, numa perspectiva de um enunciador individual, representando uma única voz ao enunciar.

Esse acontecimento de linguagem é tomado pelo político, no sentido que lhe dá (GUIMARÃES, 2017, p.), como “caracterizado pela contradição de uma normatividade que estabelece (desigualmente) uma divisão do real e a afirmação de pertencimento dos que não estão incluídos”. Entendemos, assim, que o político é um espaço de contradição que instala o conflito no centro do dizer.

O primeiro enunciado pode ser parafraseado por:

A1- Vou falar uma coisa, você não vai ficar com raiva.

A2 – Vou falar uma coisa, mas você não pode ficar com raiva.

A3- Vou falar uma coisa, por favor não fique com raiva.

Na expressão que o alocutor surdo enuncia “*falar coisa você sentir raiva não*” enunciada para seu alocutário amiga, há uma duplicidade de sentidos. O alocutor-surdo, ao enunciar, é tomado por dizeres já ditos em algum lugar, ou de alguma forma, isto é, enuncia enquanto ser afetado pelo simbólico e num mundo vivido através do simbólico (GUIMARÃES, 2017).

Assim, podemos perceber que no enunciado realizado pelo sujeito surda, e nas paráfrases feitas pelo alocutário pesquisadora, a mobilização de sentidos ocorre a partir da análise sintática. Desta maneira, vemos que ao enunciar, ao falar alguma coisa, *você sentir raiva não*, descreve os mesmos sentidos que estão na paráfrase A3, *vou falar uma coisa, por favor não fique com raiva*.

Na enunciação do locutor surdo percebemos que a oração inicia com o verbo *falar* no infinitivo, e com ausência do verbo auxiliar, também percebemos a omissão do artigo indefinido uma antes da palavra *coisa*. Assim, há uma duplicidade de sentidos, sendo eles sentido de dizer um assunto ou de revelar um segredo, pois não sabemos a intenção da fala do sujeito nesse âmbito de comunicação e linguagem.

Assim, entendemos que é uma pragmática, onde os sentidos do dizer vão depender da intenção do sujeito.

Ao analisarmos a paráfrase A3, - *Vou falar uma coisa, por favor não fique com raiva* – percebemos que há um direcionamento que nos dá a possibilidade de concepção de quantas coisas serão ditas posteriormente, percebemos que o artigo indefinido seguido do substantivo *raiva* estabelece uma construção de sentidos negativos, direcionando a enunciação para um final que poderia ser desagradável. Obviamente só existiria motivos para a raiva se caso houvesse contradição na enunciação do alocutor para seu alocutário.

No segundo enunciado, o sujeito surdo enuncia *eu vender bicicleta presente festa surdo*, o qual pode ser parafraseado por:

A1-Preciso vender a bicicleta que ganhei de presente na festa dos surdos.

A2 eu vou vender a bicicleta que ganhei de presente na festa dos surdos.

Neste enunciado *eu vender bicicleta presente festa surdo*, percebemos que o Locutor enuncia demonstrando uma preocupação ou vergonha em desfazer de um presente que havia ganhado na festa dos surdos. A expressão inicia com a presença do pronome pessoal *eu*, sendo este uso um deslize na função/forma descritiva por sujeitos surdos.

Desta forma, ao analisarmos o enunciado acima do alocutor surdo, *Eu vender bicicleta presente festa surdo* e fazer comparação com a paráfrase, A1, *preciso vender a bicicleta que ganhei de presente na festa dos surdos*, logo podemos perceber que a construção dos sentidos se deu a partir da consistência do verbo ganhar, pois ao lermos o enunciado *eu vender bicicleta, presente festa surdo*, logo percebemos que uma bicicleta foi vendida e que a mesma era um presente. Em seguida ao analisarmos a paráfrase A1 *preciso vender a bicicleta que ganhei de presente na festa dos surdos*, é que percebemos que a bicicleta ainda não foi vendida.

A construção dos sentidos nas análises sintáticas de enunciados escritos por sujeito/locutor surdo é construída após lermos a oração completa, e fazermos comparação entre as estruturas das duas línguas, pois devido a estrutura gramatical sintática da língua de sinais ser diferente da língua portuguesa, percebemos que ao fazer uso da grafia da língua portuguesa, e ao articular as formas linguísticas da língua de sinais, é comum que ocorra divergências nos sentidos da articulação da escrita.

O verbo vender no infinitivo não assume a condição de dizer que a bicicleta foi ou não vendida, apenas estabelece relação de sentidos cujos argumentos são sustentados pela expressão “*escolher bicicleta ter motor, cansar bicicleta pesado*”. Neste enunciado, o locutor surda está relatando quais os motivos teriam contribuído para que o presente fosse vendido; assim no terceiro enunciado, tanto ao enunciar “*melhor bicicleta ter motor, e Bike motorizada*”, são relatados os benefícios que uma bicicleta motorizada pudesse trazer para sua vida social e profissional. Deste modo, os sentidos se constituem e são construídos historicamente no acontecimento, na enunciação.

Assim podemos dizer que ao analisarmos as paráfrases A1 e A2 a enunciação temporaliza e essa temporalização própria do acontecimento atribui em seu funcionamento semântico-enunciativo o lugar que historiciza o interpretável.

Vamos aqui especificar designação e referência no enunciado no qual aparece a expressão bicicleta. Levando em consideração que designação é aquilo que um nome significa no acontecimento, ela é instável, embora funcione sob o efeito da estabilidade (GUIMARÃES, 2007, 2009). Na primeira instância vemos o nome *bicicleta* significando um meio de locomoção, no segundo momento temos a *bicicleta de motor* reescrevendo a *bicicleta* já dita, e em seguida vemos *bike motorizada* renomeando *bicicleta de motor*. Nestas expressões significa dizer que tudo o que uma expressão referencial faz num dado enunciado é denotar um objeto, ou seja a significação é reduzida a uma referência. Pois a referência é compreendida como a particularização de algo em certas condições (GUIMARÃES, 2002, p.9). Contudo, podemos dizer que antes da referência, o enunciado passa por uma contração de referências no campo da memória. E assim, a partir do fato semântico de que as coisas são referidas enquanto significadas e não enquanto simplesmente existentes, podemos considerar que é possível referir porque as coisas são significadas e não simplesmente existentes. (GUIMARÃES, 2017, p. 13)

Neste processo enunciativo, a bicicleta aparece no sentido de um presente, algo que se deu em uma ocasião devido ao mérito recebido numa festa.

No enunciado “*preferi bicicleta ter motor, e em melhor bike motorizada sim*”.

Assim vamos parafrasear este enunciador por:

A1 prefiro uma bicicleta motorizada, pois já estou cansada de pedalar.

A2 prefiro bicicleta motorizada, seria bem melhor do que pedalar.

A3 prefiro bicicleta motorizada, pois não cansa, nem precisa pedalar.

Inicialmente, para desenvolvermos as análises sintáticas vamos começar pelo verbo, assim no início do enunciado vemos também um verbo transitivo *preferi* acompanhado de um substantivo funcionando como complemento nominal referindo o que se prefere. Já o verbo auxiliar antes da palavra *motor* está funcionando como preposição, pois saber que logo uma bicicleta que tem motor, pode ser dita como *bicicleta de motor* que significa *bike motorizada*.

No enunciado em itálico vemos que a cena enunciativa é constituída pelo alocutor-proprietária que ao enunciar a expressão *bike motorizada*, renomeia bicicleta ter motor, a partir de uma perspectiva de um enunciador individual.

Percebe-se que neste processo de nomeação a *bike motorizada* não silencia o primeiro nome, *bicicleta*, apenas reescreve por substituição a expressão que diz *bicicleta de motor*, isto é, temos um processo semântico, reescrituração.

Trazemos agora como se dá a temporalidade do acontecimento nestes recortes, sendo a configuração da temporalidade instalada nos enunciados que diz da expressão *Bicicleta* enquanto nome de um presente trazendo como memorável a narrativa de um meio de transporte. Pois esse procedimento de reescrituração da expressão descritiva acaba por instalar o movimento polissêmico próprio da reescritura.

Esse deslocamento semântico mobiliza a expressão *bicicleta*, enquanto o nome de um presente, fazendo com que o deslocamento do sentido descritivo desta expressão signifique no seu funcionamento. Desta forma, definimos um conjunto de expressões como modos de apresentar cada um dos aspectos que juntos formam uma unidade de sentido.

Ao comparar o enunciado “preferi *bicicleta ter motor*” e “melhor *Bike motorizada*” chegamos à seguinte análise, na abordagem da semântica da enunciação, a relação entre substantivos e seus determinantes, no âmbito do sintagma nominal, vai além da composição do enunciado.

Tomemos, pois, as construções nominais *bicicleta de motor* e *bike motorizada* para análise. Percebemos que a preposição *de*, e o substantivo “*motor*” estão funcionando na primeira construção nominal como um adjetivo. No segundo enunciado *bike motorizada*, na locução adjetival, ambos, tanto o substantivo *motor*, quanto o substantivo acrescido de sufixo estão adjetivando ou dando características para a *bicicleta*.

Especificamente, no interior da formação nominal, é que vemos a função do determinante adjetivo na constituição do domínio referencial, de *motor*, e *motorizada*, responsável pelas distinções das designações apresentadas.

A construção preposicional *de motor*, bem como o adjetivo *motorizada*, não participa do funcionamento do grupo nominal com bicicleta, desta forma podemos dizer que a função do adjetivo foi apenas qualificar e enriquecer o sentido do substantivo. Sendo o substantivo *bicicleta* primitivo, que no decorrer dos enunciados não sofreu nenhum tipo de derivação.

A constituição de uma formação nominal não se dá apenas pela motivação de um gesto informativo concebido no extrato extralinguístico, pois a algo do sentido para além das informações das propriedades de uma entidade extralinguística (DIAS, 2013).

Voltemos a formação nominal das duas nomeações apresentadas em *bicicleta de motor* e *bike motorizada*. A enunciação que nomeou *bike motorizada* manteve os sentidos da enunciação que nomeou *bicicleta de motor*. Podemos dizer que neste processo aquela nomeação ao ser formada pelo processo de combinação de um nome genérico *bicicleta*, mais uma palavra constituída pela formação sufixal *de motor+izada*, o sufixo nominal que forma o adjetivo *motorizada*, dissemos que o funcionamento enunciativo da nomeação *Bike motorizada*, enuncia sentidos que dão conta às significações já ditas como *bicicleta de motor*.

Nos exemplos acima, vemos três elementos que particulariza a bicicleta, uma preposição *de*, e um substantivo *motor*, e outro substantivo sufixal *motorizada*, assim dissemos que o que caracteriza o termo genérico são os dois elementos que fazem referência a *bicicleta*.

No último enunciado “*Poder não moto, encontrar polícia briga*”, percebemos uma alerta pela falante/surda ao enunciar que não poderia comprar uma moto, devido não ser habilitada.

Nesta oração, o verbo *poder*, acompanhado de advérbio de negação, seguido de um verbo no infinitivo pessoal seguem a estrutura da (Libras), sendo a expressão *poder não*, representada na forma descritiva por *não posso*. Podemos parafrasear o enunciado por:

A1- Não posso comprar moto, pois caso eu encontrar a polícia serei multada!

A2- Não posso possuir moto, pois não sou habilitada.

O que mostramos nestas paráfrases é que a constituição de sentido nos enunciados por falantes surdo, em *poder não*, e ao compararmos com a paráfrase da língua portuguesa, *não posso*, percebemos que os sentidos são os mesmos, o que prevalece, ou seja, predomina a estrutura linguística representada pela língua de sinais, o advérbio de negação *não* após o

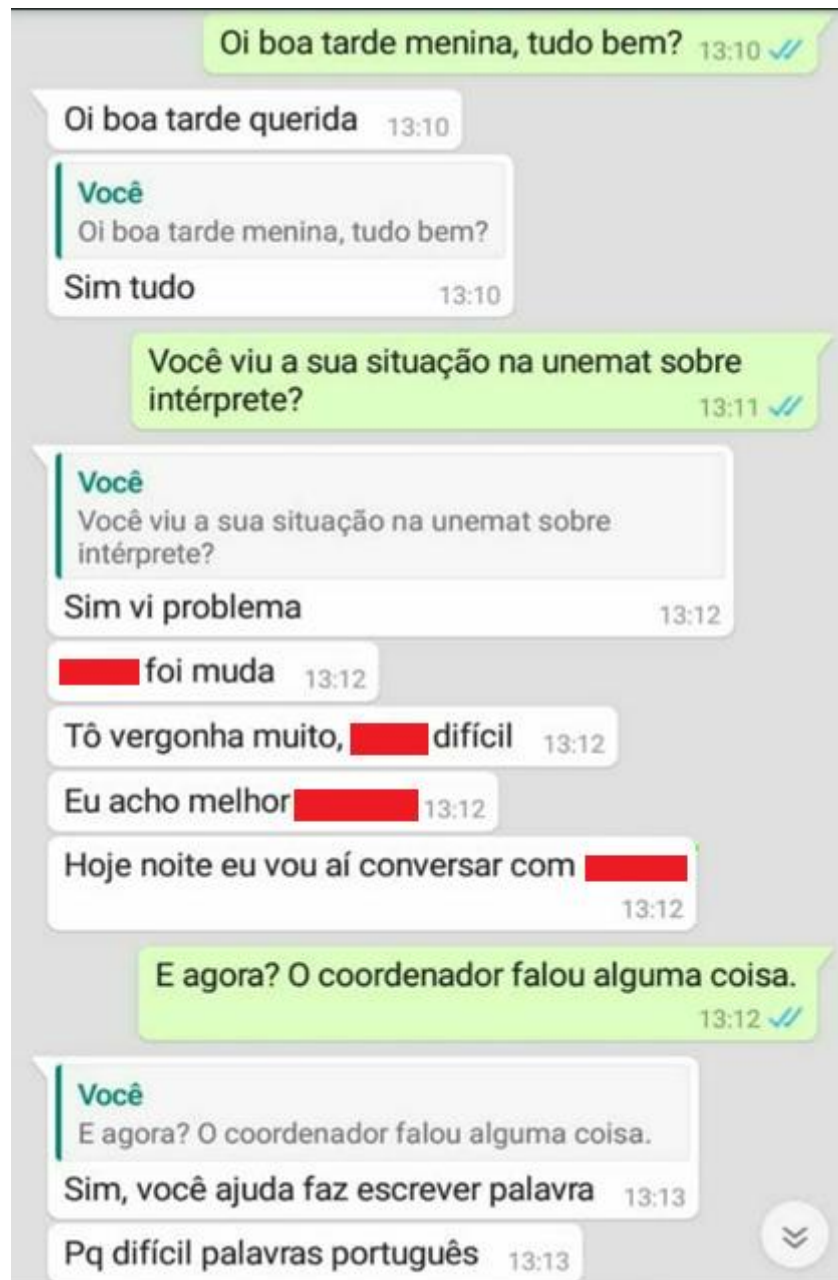
verbo infinitivo pessoal *poder* é representado na língua de sinais por um único sinal que constitui em uma única unidade que determina o sentido que está presente em *não posso*.

Sendo que na língua de sinais –LIBRAS, os verbos transitivos seguidos de advérbio de negação se tornam em um único sinal, sendo o advérbio de negação marcado por expressões não manuais. Assim os verbos acompanhados de advérbio de negação, chamamos de sinais com o uso do não incorporado no objeto. Desta forma, podemos dizer que temos um verbo transitivo pessoal representado com as duas mãos posicionadas em S, que é o *poder*, que ao significar *não posso*, passa por uma mobilização de mão configurada em v tocando no pescoço, significando não poder algo no momento, essa dimensão contextual passa a significar a mesma coisa em outro terreno, embora representados por grafias diferentes.

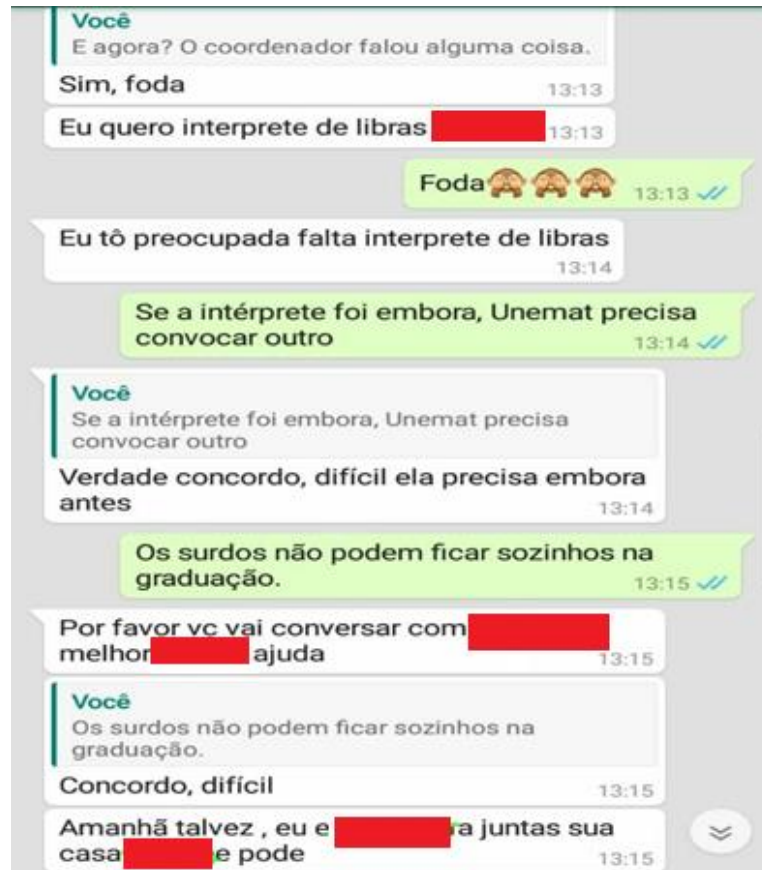
Voltemos ao enunciado em que o falante surdo diz *poder não moto encontrar polícia briga*, temos quatro dimensões de sentidos. De um lado a expressão linguística *não poder* sendo determinado por um medo ou inibição pelo fato de encontrar a polícia em possível Blitz (parada obrigatória), em outra dimensão, encontrar a polícia e não ter habilitação para apresentar e ainda ser multada pelo fato de não atender aos padrões que determinam a legislação do trânsito brasileiro. Desta maneira vemos que os sentidos em que aparecem em *poder não*, sendo redirecionado em quatro dimensões. A primeira consiste no medo de encontrar a polícia, a segunda de ser pego em uma possível blitz, a terceira em não possuir habilitação e a quarta em não se enquadrar nos requisitos que mandam a lei de trânsito.

3.1.3. Problemas acadêmicos na graduação

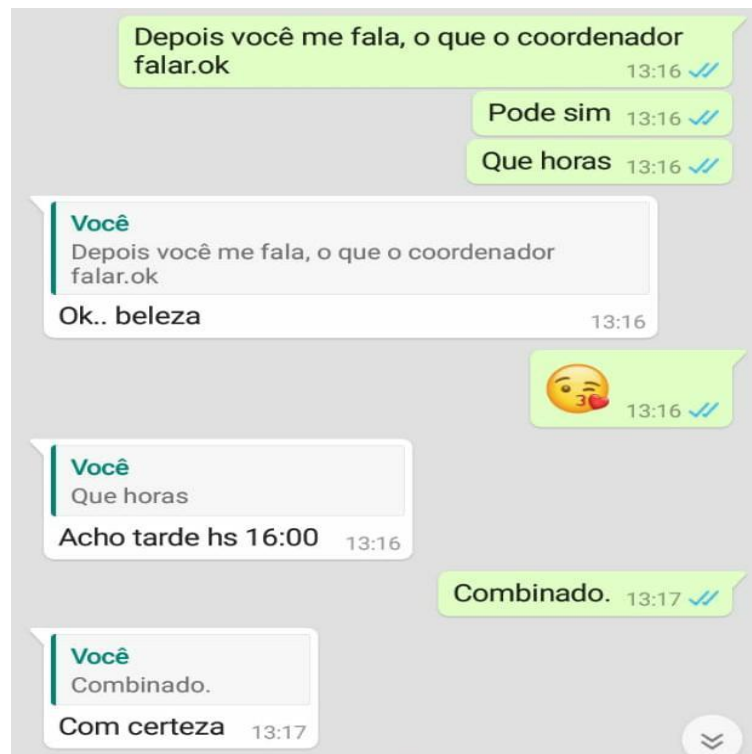
O nosso próximo recorte (R3) apresenta uma conversa de um sujeito surda em que justifica suas angústias em relação aos problemas sobre o quadro de profissionais da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), pois estes não estão atendendo as necessidades dos surdos no período da pandemia no curso de licenciatura em Letras. A reclamação é resultado de um relato sobre a saída da intérprete de libras que o acompanhava no semestre anterior. Do outro lado temos o sujeito ouvinte, também intérprete de LIBRAS, que na cena enunciativa orienta a aluna surda para procurar o coordenador do curso para sanar as dúvidas. Vejamos o recorte abaixo:



Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria

No recorte (R3), a cena enunciativa está constituída num espaço de enunciação da língua portuguesa, na função descritiva como segunda língua para sujeitos surdos. Podemos observar que no agenciamento desta cena enunciativa o Locutor/surdo fala de um lugar social de estudante numa perspectiva de enunciador-individual, representando única voz ao enunciar sobre as dificuldades que os surdos enfrentam na universidade em relação a falta de intérprete.

No recorte apresentado, o Locutor surdo/estudante relata um problema para o seu alocutário-amiga, sobre a necessidade de intérprete de LIBRAS para acompanhar nas atividades pedagógicas, tendo em vista que considera muito difícil escrever as palavras em português, por ser a segunda língua para o sujeito surdo.

Na enunciação da estudante, *sim, vi problema, intérprete foi muda*, percebemos a ausência dos artigos definidos *o, e a*, antes do substantivo e a limitação em descrever a conjugação do verbo mudar. Já que as marcações do verbo na língua de sinais estão no advérbio de tempo, *deveria ser a intérprete já mudar*, neste caso o *já* marca o tempo passado, e assim a derivação do verbo *mudar* continua sendo a mesma que *já estar* no enunciado acima. Pois o sujeito surdo está na estrutura sintática da língua portuguesa, desta forma dissemos que o *foi muda já* indica a marcação temporal.

Para melhor compreender a enunciação podemos fazer uso da paráfrase, vejamos:

A1- Eu percebi um grande problema, a intérprete saiu da Unemat.

A2- Existe um grande problema, a intérprete mudou de Cáceres.

Vamos, neste momento, analisar os referenciais ligados aos dois verbos que aparecem na paráfrase a1, *perceber* e *mudar*, que no decorrer das cenas enunciativas analisadas estão direcionando aquilo que está significando um problema. Assim na classificação morfossintática do termo *foi*, classificada como terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo *ir*.

A enunciação é concebida como acontecimento da produção do sentido, isto é, da relação entre um campo de memória e uma atualidade do dizer (GUIMARÃES, 2005). Nesta relação sintática, percebemos que vai além de conhecermos os elementos linguísticos gramaticais, mesmo assim, é preciso discutir os aspectos relevantes do componente explicativo da gramática, observando a constituição de lugares referenciais ligados ao verbo.

Ao analisarmos o funcionamento do verbo *perceber*, logo dissemos que quem percebe, percebe alguma coisa, e no verbo *ir*, conjugado na terceira pessoa do singular *foi*,

dissemos que quem foi, logo, foi para algum lugar, é neste funcionamento enunciativo que os sentidos são mobilizados, direcionando a orientação do dizer que o grande problema se deu pela mudança da intérprete. Assim, os dois verbos transitivo *perceber* e *mudar* relaciona com o grupo de palavras no mesmo enunciado, exemplo, em *perceber, sair, mudar e existir*.

Assim, para compreendermos melhor esses argumentos vamos parafrasear a próxima enunciação que o locutor surdo diz após ter percebido esse problema. *Tô vergonha muito difícil, eu acho melhor conversar, hoje a noite eu vou aí conversar*. Essa enunciação será parafraseada por:

A1. Estou com muita vergonha, acho melhor a noite a gente conversar.

A2. Estou com muita vergonha, é difícil, melhor hoje à noite eu conversar com você.

A3. Estou com muita vergonha, acho melhor conversar com você a noite, pois está difícil.

No enunciado destacado em *itálico* percebemos que o advérbio de intensidade, *muito* aparece após o substantivo *vergonha*. Assim podemos dizer que essas características que envolvem a estrutura da escrita são predominantes da língua de sinais-LIBRAS. Deste modo, podemos dizer que para a Semântica da enunciação, “aquilo que enuncia significa, em parte, pela estabilidade de significado do signo, reconhecido pelo conjunto dos membros de uma mesma comunidade linguística, e em parte por um balizamento de referência a partir da relação de cada locutor com a língua” (DIAS, 2018, p.71).

Nas formas linguísticas da enunciação, *acho melhor conversar*, percebemos que houve um deslize na forma descritiva da oração, percebemos também que a presença do pronome pessoal é idêntica a das formas articuladas por ouvintes e falantes de língua portuguesa. Desta forma na paráfrase A2 onde lemos, *estou com muita vergonha, é difícil, melhor hoje a noite eu conversar com você*, percebemos que a relação de alocação entre o eu e você estabelece e orienta o dizer, mobilizando sentidos que através da conversa entre locutor e alocutário que chegaremos a uma conclusão.

Deste modo *vergonha* é um substantivo simples que expressa sentimento e o advérbio *muito* aparece para intensificar esse substantivo. O fato do alocutor-surda enunciar que sente uma necessidade de conversar é desencadeado pela dificuldade encontrada no momento, assim a *vergonha* e a *dificuldade* seriam sanadas após uma conversa que poderia acontecer à noite.

Vamos agora analisar uma enunciação que diz: *sim você faz ajuda escrever palavra, porque difícil palavra português.*

Conforme esta enunciação vamos parafrasear por:

A1- Você ajuda a escrever palavra em português, porquê é uma língua muito difícil.

A2- você me ajudaria a escrever as palavras, porquê português é muito difícil.

A3 – preciso de sua ajuda para escrever palavras em português, porque é muito difícil.

No decorrer das paráfrases, percebemos que a intenção do alocutor-surdo é direcionar o dizer ao seu alocutário intérprete, numa relação em que o locutor fala de um lugar social de estudante, afetados por lugar social de falantes de LIBRAS, para seu alocutário que está no lugar social de profissional conhecedor da condição dos sujeitos surdos, que tomam a escrita da língua portuguesa como língua estrangeira.

Deste modo, podemos dizer que ao enunciar que precisa de ajuda para escrever palavras em português, tendo em vista que é uma língua difícil, podemos considerar que existem relações visíveis neste enunciado que são dependentes de outras relações que não estão visíveis. E isso que não está visível faz parte da enunciação, pois permite a produção de sentido, uma vez que o locutor ao manifestar que precisa de ajuda para escrever palavras na língua portuguesa, textualiza que existe uma língua que é fácil para ele escrever, ou expressar, que seria a língua de sinais, neste caso. Desta forma, esses argumentos são sustentados onde se diz anteriormente que o grande problema é não ter intérprete na Unemat, pois esse profissional é o mediador nos processos de ensino aprendizagem e que fala a língua do locutor acadêmico surdo.

Faremos algumas considerações sobre os sentidos da palavra *foda*, presente neste enunciado. Na classificação morfossintática, é substantivo feminino no sentido de coisa desagradável.

Observamos que o sentido da palavra se constrói no enunciado, ou seja, na sua relação entre o acontecimento em que funciona o memorável de enunciações. Assim podemos dizer que a expressão *foda* reescritura *problemas na faculdade e falta de intérprete*.

Na enunciação onde o alocutor-surdo segue com o seu discurso ressaltando que o problema enfrentado hoje é o fato da intérprete ter saído da sua função na universidade, percebemos no enunciado em que aparece *verdade concordo, difícil ela precisa embora antes*.

A partir disso, observamos que nesse recorte ocorre uma gradação, sequências de palavras tais como (*verdade, concordo, difícil*), que intensificam uma mesma ideia, consideramos que o alocutor esteja dizendo que mesmo que a intérprete precisasse ir embora, deveria ter comunicado com antecedência essa decisão. Assim iremos parafrasear esta enunciação por:

A1. É verdade, eu concordo, o difícil é que ela não comunicou com antecedência.

A2. Eu concordo, é verdade, o difícil é não ter sido comunicado a sua saída com antecedência.

Na enunciação destacada em *itálico* dissemos que os dois verbos, tanto *concordo* quanto *preciso* estão funcionando como verbo transitivo, que por sua vez será complementada com o complemento nominal, pois quem concorda, concorda com alguma coisa, e quem precisa, precisa de algo, e este elemento que aparece após esse verbo é que chamamos de complemento nominal.

Assim, podemos dizer que temos uma palavra que precisa ter sentido, onde percebemos um movimento que sai da palavra até o complemento nominal, com isso, podemos destacar que o complemento nominal nesta enunciação é o resultado da ação de não ter comunicação a saída com antecedência.

Desta forma percebemos que o termo do complemento nominal é de natureza indireta, pois na maioria dos casos ele deve ser introduzido por uma preposição. Assim, percebemos que a construção dos sentidos se dá através da palavra que se integra ao texto. Para compreendermos a constituição dos sentidos dos enunciados por falantes surdos, é necessário analisarmos o enunciado como um todo. No enunciado feito pelo alocutor surdo percebemos que o substantivo *verdade*, aparece na oração funcionando como um adjetivo, ou seja, atribuído uma característica percebida pelo locutor surdo dada ao intérprete ausente naquela circunstância.

No último enunciado, trazemos a construção da frase que diz *amanhã talvez, eu e outra pessoa juntas sua casa pode*, inicialmente vamos mostrar o funcionamento morfossintático da oração, que inicia por um adjunto adverbial de tempo, *amanhã*, acompanhada de um advérbio *talvez*, cujas circunstâncias transmitem ideia de dúvida seguida de pronome pessoal *eu*. Percebemos ainda que antes do pronome possessivo houve a ausência do verbo *ir*, que seria esse elemento que daria sentido a frase.

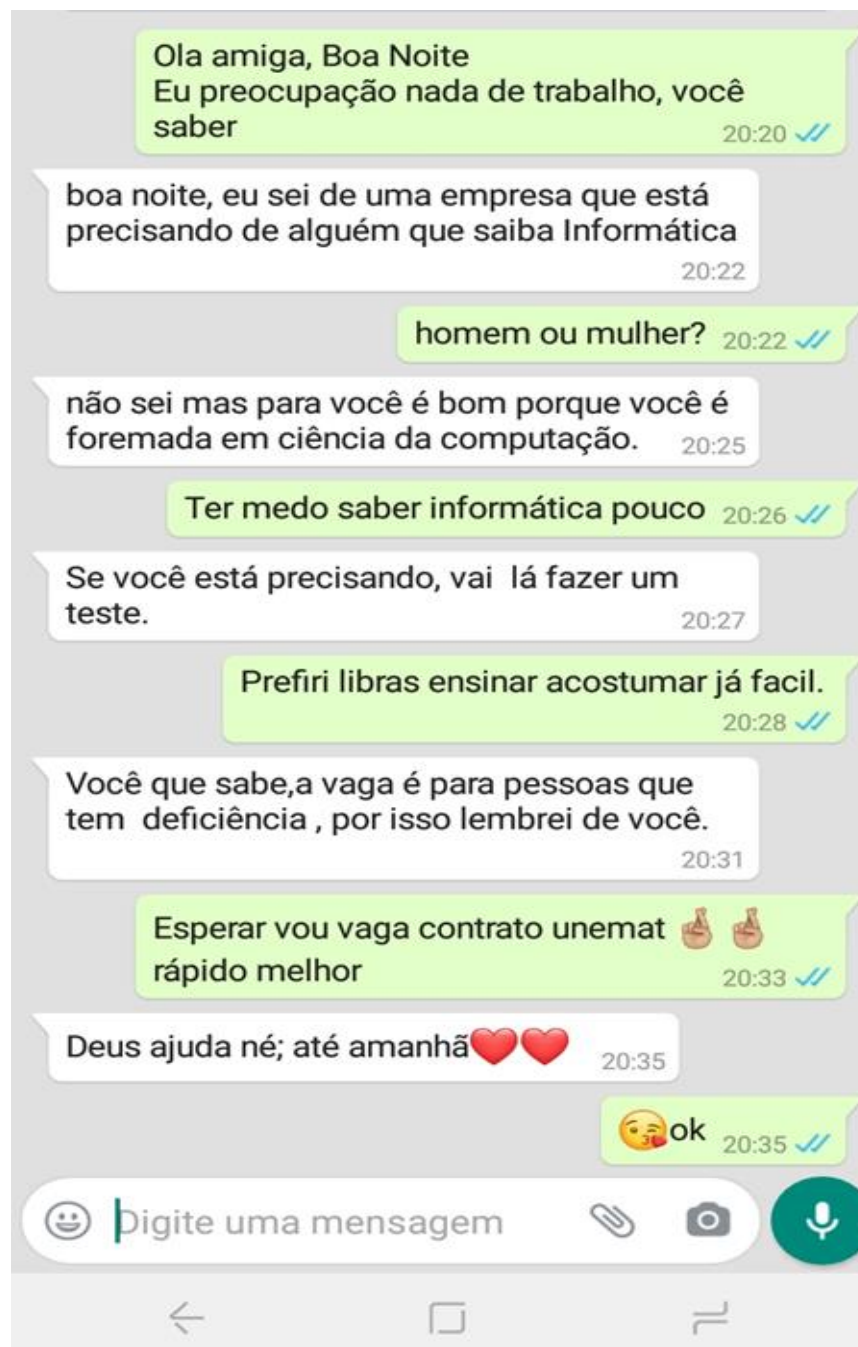
Pela estrutura desta oração ser feita por um sujeito surdo, fluente em língua de sinais, logo podemos compreender que a frase se organiza da seguinte forma S O V, (sujeito, objeto e verbo). Mesmo a estrutura da oração ser SOV, percebemos que os sentidos são construídos enunciativamente, apenas quando lemos a oração inteira que ao final encontramos o verbo *pode*, pois ele aparece como elemento determinante do sentido de toda oração. Através da presença do verbo que apareceu no final da frase é que percebemos a construção de sentidos, levando-nos a outro patamar que a pessoa que enuncia, ou seja, esse locutor está falando de um lugar social afetado por um dizer, numa perspectiva de enunciador coletivo, representando a voz de duas pessoas ao enunciar, representando ela mesma e a amiga, e ainda percebemos que a partir de suas estruturas sintáticas, o funcionamento semântico-enunciativo vai configurando a temporalidade no acontecimento.

Para encerrar o diálogo, o al-acadêmico despede do al-amiga marcando um horário para conversar, *acho tarde horas 16:00*. O verbo *achar* aparece determinando o momento viável para uma possível conversa. O que nos chama atenção nesta enunciação é que na estrutura da frase o substantivo *hora* vem antes do numeral, assim percebemos que o tempo todo, com base em enunciações descritivas por falantes surdos, sintaticamente a ordem permanece a da língua de sinais-LIBRAS.

Nesta enunciação que diz *acho tarde horas 16:00* o sujeito da oração oculto, representado por alguém, não sabemos quem [...] seguido de substantivo feminino representando a ideia de uma parte do dia, acompanhada de dois algarismos identificando a hora exata.

3.1.4. A procura de emprego

A cena enunciativa do quarto recorte (R4) apresenta uma conversa entre duas mulheres, sendo uma professora de LIBRAS surda que está à procura de um novo emprego e a outra é uma intérprete de LIBRAS. Nessa direção, a professora recebe um convite para um novo emprego, mas recusa a oferta. A justificativa para essa recusa está no domínio sobre a atividade a ser realizada na empresa, ou seja, de acordo com a justificativa da professora de LIBRAS seria preciso um domínio no campo da informática. Vejamos os recortes das conversas abaixo:



Fonte: autoria própria

A partir do recorte apresentado vimos que “A cena enunciativa agencia o falante em locutor no espaço de enunciação, de modo que as relações de argumentação se tornam próprias da cena enunciativa” (GUIMARÃES, 2013, p.271). Deste modo, para a Semântica do Acontecimento, a orientação do dizer nada mais é do que a argumentatividade. E o locutor, neste caso, apresenta para seu alocutário a sua argumentatividade linguística sendo está

significada como uma orientação própria da relação do L-AL, assim, o L maiúsculo para representar o Locutor, e AL o alocutário.

Nesta cena enunciativa, temos um alocutor-surdo, falando de um lugar social de professor desempregado, numa perspectiva de um enunciador individual representando uma única voz ao enunciar, escrevendo para o seu alocutário amiga, intérprete de libras, sujeito que representa conhecimento sobre a língua de sinais, e que pode auxiliar na comunicação de uma entrevista de um emprego.

No espaço de enunciação a divisão social do dizer é tomada segundo o Guimarães, como argumentação, ou seja, o político em sua constituição e na distribuição de papéis da fala, que suas múltiplas argumentações acontecem.

Passemos agora para as análises dos enunciados em que será analisada o conceito de cena enunciativa, a argumentação e reescrituração. Pretendemos mostrar nesta análise da cena enunciativa as divisões sociais dos lugares do dizer a partir do agenciamento enunciativo.

No enunciado o Locutor professora demonstra grande preocupação por não ter um trabalho no momento. O alocutário amiga fala de uma oferta de emprego que ficou sabendo recentemente, de uma empresa que procura funcionário com deficiência, assim, para compreendermos a enunciação *eu preocupação nada de trabalho você saber*, vamos parafrasear por:

A1. Eu estou preocupada até agora não achei nenhum trabalho você sabe de alguma novidade?

A2 –Eu estou muito preocupada, ainda não encontrei um trabalho, você sabe de algum?

Inicialmente, o enunciado começa com pronome pessoal *eu* seguido de substantivo, *preocupação* mobilizados pelos sentidos polissêmicos, que nesse contexto é causada pelo sentimento de responsabilidade, por lhe faltar algo.

A enunciação apresentada pelo alocutário-amiga mostra uma oportunidade de emprego para pessoas que possuem formação em ciências da computação e que tenha algum tipo de deficiência.

Analisemos a seguir a enunciação, *ter medo, saber informática pouco*.

Neste enunciado as unidades linguísticas estão relacionadas umas com as outras, desta forma podemos perguntar, qual a relação que a unidade (palavra) *medo* mantém com a

unidade *saber informática pouco*. Podemos dizer que este enunciado faz uma relação entre o medo que remete a insegurança de *saber informática pouco* para exercer um trabalho que depende da compreensão e manuseio da tecnologia. Desta forma, consideramos que para compreender a produção de sentido deste enunciado, e assim saber como ele se torna um acontecimento enunciativo, é necessário compreendermos os motivos presente nesta relação constitutiva entre *medo* e *saber pouco informática*.

Assim vamos parafrasear a fim de ampliarmos e percebermos como se dá a produção de sentido:

A1. Tenho medo desse trabalho, pois meu domínio de informática é pouco.

A2- Tenho medo, pois não tenho bom domínio com informática.

O enunciado que aparece visível nesta cena enunciativa mantém relação com outras que não estão visíveis, observemos na paráfrase A2, ou seja, o não domínio com informática impede de conseguir uma vaga de emprego. Por isso, consideramos que há um referencial histórico que proporciona relações de sentidos nos enunciados, esse referencial histórico são os resultados das práticas sociais. Nesse caso, historicamente o medo é concebido como provocador de algo negativo, e o não saber informática é concebido como algo dependente, assim, entendemos que as paráfrases serviram para explicar o que não estava visível no enunciado.

Desta maneira vimos que o sentido deste enunciado já estava parcialmente delineado, como um domínio de mobilidade, antes da sua produção, e nesta dinâmica do acontecimento da enunciação, a partir da formulação das paráfrases é que os sentidos se atualizaram. Por sua vez, as técnicas das paráfrases não foram aplicadas para estruturar, nem determinar os elementos gramaticais, mas serviram para estabelecer pontos de observações enunciativas tendo em vista as dimensões do sentido.

Na decorrência do enunciado quando a locutora-professora enuncia *preferi LIBRAS ensinar, acostumar já fácil*, há uma duplicidade de sentidos. Observamos que ao enunciar esta expressão, há uma mobilização de sentidos fornecendo pistas de que mesmo estando preocupada por encontrar um trabalho, existe algo que lhe identifique que é ensinar libras, considerando que são práticas em que a deixa mais confortável e segura.

Vejamos a parafrasear a seguir:

A1- prefiro ensinar libras, pois além de ser mais fácil já estou acostumada.

Ao considerar a paráfrase acima, podemos dizer que a al-professora ocupa um lugar de dizer que a faz afirmar que a profissão de professora de Libras é algo mais fácil. Este dizer ganha uma pertinência no momento em que é considerado que há um histórico de enunciações que permitem que a al-professora possa fazer tal afirmação. A relação integrativa deste enunciado consiste num dizer onde a falante professora surda determina que o trabalho em que ela procura e se identifica é ensinar libras, sendo este dizer predicado pelo enunciado *preferi libras ensinar*.

Este modo de funcionamento tem a ver com a especificidade do lugar do dizer: “ele não tem um correlato (como o Locutor e o alocutor-x têm), porque sua relação de sentido é com aquilo sobre que se diz, em virtude do que acontecimento da enunciação significa” (GUIMARÃES, 2017, p 106).

Destacamos a seguir um outro enunciado deste mesmo recorte: *esperar vou vaga contrato Unemat, rápido melhor*. Na constituição dessa enunciação, há sentidos polissêmicos. Vamos neste momento nos atentar para o advérbio de tempo *rápido*, pois no decorrer das cenas enunciativas, ele aparece como um adjetivo atribuindo características determinantes do contrato da Unemat ser ágil, por outro lado pode estar significando o tempo de duração para espera do contrato ser em curto prazo.

Segundo Guimarães (2017), nesses enunciados as cenas enunciativas significam e projetam futuridade, por um acontecimento incontornável e próprio do dizer. Deste modo, esta enunciação é composta de linguagem escrita e linguagem não verbal, pois ao enunciar que iria esperar o contrato da Unemat, a alocutora usa imagem de dois dedos cruzados, antes do advérbio *rápido*, que na língua de sinais e na língua portuguesa simboliza expressões como *tomara, quem dera ou Deus ajuda*.

Neste sentido, podemos parafrasear os enunciados reescrevendo toda enunciação para a linguagem escrita, tendo em vista que o nosso objetivo é análise descritiva. Então onde se vê este enunciado composto por linguagem escrita e linguagem não verbal, será transcrita somente para a linguagem escrita. Então, ao substituir a imagem apresentada no enunciado por dois dedos cruzados, lê-se em libras:

A1-esperar vou contrato Unemat, tomara que seja rápido e melhor. Ou

A2-Esperar vou contrato Unemat, Deus ajuda que seja rápido e melhor. Ou

A3-Esperar vou contrato Unemat, a quem dera que se fosse rápido e melhor.

Do ponto de vista enunciativo, neste acontecimento podemos considerar que o *tomara que, Deus ajuda que, a quem dera que* se apresentam como uma articulação que produz argumentatividade, em virtude de um agenciamento do L pela Língua, que se apresenta pelo resultado da dinâmica da cena enunciativa (GUIMARÃES, 2017, p. 117). É nesta articulação de sentidos que podemos dizer que uma descrição produz sentido que visa às relações com as coisas enquanto significadas.

Podemos ver que neste enunciado o verbo inicia no infinitivo, *esperar*, seguido de um verbo auxiliar que na linguagem escrita aparece na ordem inversa da língua portuguesa, e este é posto como argumento para que o alocutário perceba os motivos pelos quais contribuem para a espera de um emprego e a dispensa do emprego arranjado.

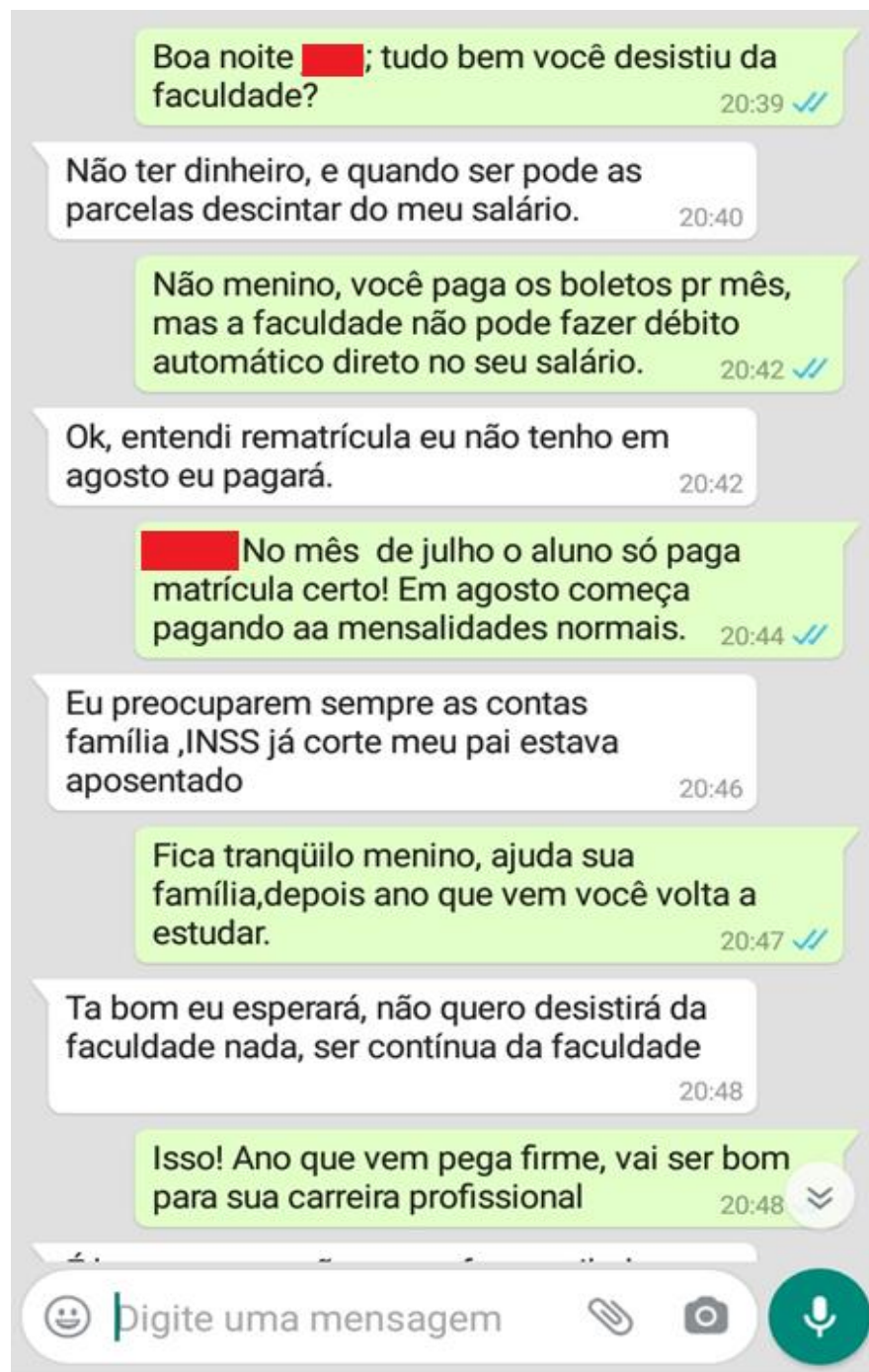
Vale destacar que os termos que utilizamos para substituir a linguagem não-verbal para a linguagem escrita no momento de fazermos as paráfrases, pode ser considerado como uma reescrituração, com isso notamos que no acontecimento presente temos um funcionamento de linguagem que traz ideia de sorte ou privilégio. Deste modo, o elemento que reescritura atribui sentido ao reescriturado, e “uma das características fundamentais da reescrituração é que ela não se caracteriza pelas relações segmentais ou de contiguidade, própria dos modos de relação por articulação” (GUIMARÃES, 2017, p.85).

Com isso o processo de reescrituração usado acima não foi caracterizado pelos três elementos citados, *tomara que seja rápido e melhor; Deus ajuda que seja rápido e melhor. ou a quem dera que se fosse rápido e melhor*, e sim foram substituídos por expressões que reescreve o escriturado.

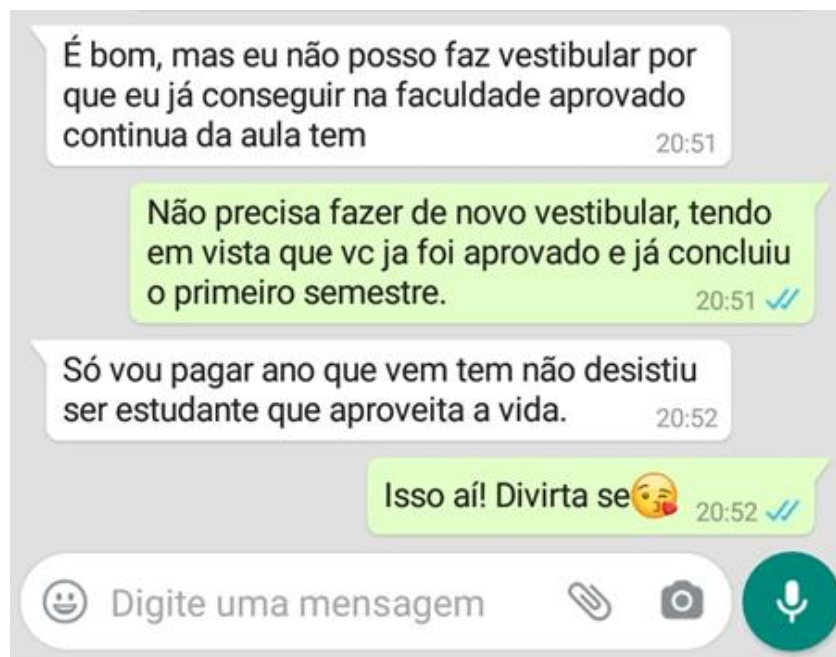
3.1.5. Trancamento de matrícula

Para finalizar as nossas análises selecionamos um recorte que apresenta uma conversa sobre um trancamento de matrícula da universidade. O assunto da conversa é sobre a justificativa que o ex-aluno surdo do curso de licenciatura em pedagogia apresenta para a intérprete de libras.

Tomemos agora o recorte (R5) para a realização da última análise:



Fonte: autoria própria.



Fonte: autoria própria.

Ao observar a enunciação nesse recorte, partimos do pressuposto que a “enunciação é o que ocorre quando alguém diz algo, quando um falante de uma língua diz uma sequência que é, de alguma maneira, reconhecida pelos seus falantes desta ou certa língua,” (GUIMARÃES, 2018, p.14).

O agenciamento de enunciação dessa cena apresenta o alocutor-surdo que fala de um lugar social de Locutor acadêmico do curso de pedagogia - numa perspectiva de enunciador individual (a perspectiva acadêmica, o lugar que determina os recursos e medidas que devem tomar para reingressar na faculdade) que fala para seu alocutário-intérprete-amiga (lugar daquele que sugere a melhor direção e caminho a ser tomado para sanar o problema).

Desta forma, ao depararmos com o primeiro enunciado percebemos que a compreensão da expressão da língua deste falante só é compreendida por falantes que reconhece essa língua, ou seja, caso alguém depare com essa escrita e nunca ter tido contato com surdo, de imediato, sentirá dificuldades para compreender os sentidos, pois na escrita desse aluno surdo fluente em língua de sinais -LIBRAS aparecem marca nos verbos *pagará*, e *preocuparem* que é da língua portuguesa. Assim, o acontecimento da enunciação se apresenta como um acontecimento de linguagem num espaço de enunciação que é da língua portuguesa.

Podemos observar nas narrativas dos fragmentos enunciativos, enunciado que traz a expressão *não ter dinheiro, e quando se pode as parcelas descontar do meu salário?* Nesta

enunciação percebemos que os sentidos são construídos enunciativamente, nele vemos os vestígios de que além da falta de dinheiro o estudante se preocupa com a quantia de dinheiro que o custo com a faculdade pode descontar no seu salário.

O enunciado inicia com o advérbio de negação *não*, acompanhado de verbo no infinitivo *ter*, ou seja, nesta expressão constrói sentidos que são possíveis dizer que o aluno desistiu da faculdade por falta de recursos financeiros. Assim, o funcionamento da língua, nestas condições, produz sentidos, e os falantes são agenciados pelo modo dizer.

Essa especificidade do modo de agenciamento na cena enunciativa constrói uma passagem semântica que desloca o sentido da expressão descritiva, com isso a expressão *não ter dinheiro* passa a significar falta de recurso financeiro para continuidade da carreira acadêmica.

Desta forma vamos parafrasear a enunciação por:

A1- Eu não tenho dinheiro, as parcelas poderão ser descontadas no meu salário?

A2- Eu não tenho dinheiro, se caso eu voltar às parcelas vão ser descontadas direto no meu salário?

Nesta enunciação percebemos que a mobilização do sentido é expressa por uma ação individual em relação a outros indivíduos, pois a relação constitutiva em *não tenho dinheiro* apresenta uma relação dependente em *as parcelas vão ser descontadas em meu salário*. Assim, consideramos que as formas de expressão significam porque o que está sendo expresso pelo locutor é pertinente para a vida social, isto é, para a relação entre locutor acadêmico e alocutor empresa (faculdade), que por sua vez para manter o acadêmico na instituição é necessário o capital.

Desta maneira, os sentidos produzidos nesta enunciação são polissêmicos, e na mesma enunciação temos unidades que se relacionam com outras, ou seja, dentro do mesmo campo semântico, como por exemplo *dinheiro, parcelas e salário*.

No segundo enunciado temos uma enunciação *ok, entendi matrícula eu não tenho em agosto eu pagará*.

Pelas análises sintáticas, percebemos que a construção da oração segue a estrutura de organização da língua de sinais (LIBRAS) e uma leve mistura do português, vemos isso em *pagará e matrícula*. Com base nas paráfrases entendemos melhor essa organização. Vejamos:

A1 já entendi, no mês de agosto vou pagar a matrícula.

A2 ainda não paguei a matrícula, só no mês de agosto vou pagar.

A3 ok, entendi, não fiz a matrícula, mas no mês de agosto pagarei.

Na construção desta cena enunciativa percebemos que o falante relata que ainda não pagou a matrícula, e que só no mês de agosto será possível a efetuação do pagamento. O verbo *pagar* apresentado na terceira pessoa do singular do futuro do presente indicativo, *pagará*, aparece no final do enunciado direcionando a orientação do dizer. Dentro da norma culta da língua portuguesa podemos considerar como incomum, mas podemos dizer que é comum encontrarmos em enunciado de falantes surdos os verbos conjugados de forma que causa estranhamento nos falantes ouvintes de língua portuguesa. Neste sentido entendemos que em todas as enunciações descritivas por este acadêmico surdo existem expressão que remete a algo que ainda irão ser realizadas.

Neste caso, é considerável que não se trata de pensar as palavras em si mesmas, no sentido denotativo da expressão linguística ou algo parecido, mas sim, de considerar o que foi dito na enunciação e por quem foi enunciado, ou seja, como foi caracterizado o dizer. Desta maneira, “a significação é produzida pela enunciação, por alguém de algum material de linguagem específico” (GUIMARÃES, 2018, p.14).

Ao fazermos ligação do enunciado com a paráfrase A3, percebemos que a conjunção coordenativa aparece no meio das duas orações que tem sentido semântico funcionando em um sentido de oposição. Vejamos em *ok, entendi, não fiz a matrícula, mas no mês de agosto pagarei*. O *mas* que aparece entre as duas orações é uma conjunção coordenativa de adversidade, isso significa que é uma conjunção que liga duas orações que tem um sentido semântico equivalente em um sentido de oposição ou adversidade.

Tomemos a seguir o enunciado, *Eu preocuparem sempre as contas família, INSS já corte meu pai estava aposentado* presente neste mesmo recorte. Podemos considerar que uma nova expressão que inicia com o pronome pessoal de primeira pessoa seguido de verbo transitivo, conjugado na terceira pessoa do singular, embora conjugado incorretamente.

Faremos uso da paráfrase neste momento:

A1- Eu preocupo com as contas da família, porque o meu pai estava aposentado, mas o INSS cortou o benefício.

A2- Eu preocupo com as contas da família, porque o INSS cortou a aposentadoria do meu pai.

A partir dessas paráfrases objetivos discutir não a incoerência da relação das palavras, ou combinações dessas no enunciado, queremos mostrar como esses enunciados constituem os sentidos quando consideramos o funcionamento da argumentatividade como um agenciamento da língua.

Neste enunciado. Eu *preocuparem sempre as contas família, INSS já corte meu pai estava aposentado*. Nos leva a considerar que o lugar agenciado é o do locutor, não mais alocutor-acadêmico que no enunciado anterior falava de um lugar social de alocutor-estudante. Agora temos a mudança de terreno, e isso nos leva a considerar que o lugar agenciado é o do alocutor, neste caso temos um alocutor-chefe de família que fala de um lugar social de responsável pelas contas familiar, numa perspectiva de enunciador individual representando uma única voz ao enunciar. Deste modo, a argumentação usada neste enunciado é uma relação na alocação do alocutor-chefe de família com o seu alocutário amiga, sendo está uma relação própria do lugar social de quem e por quem enuncia algo.

Deste modo, o agenciamento que produz sustentação de argumentação é um agenciamento que movimenta as condições socio históricas que o falante traz para o espaço de enunciação. Ao enunciar *INSS já corte, meu pai estava aposentado*, observamos nessa rede enunciativa, que as regularidades linguísticas apresentando o lugar de informação como determinantes, desde que percebemos a relação entre *INSS* e *aposentado*, sendo essa, uma relação atrativa que pertencem ao mesmo campo semântico e apresentam relação sinônimas neste enunciado.

Assim podemos afirmar que “a constituição da designação se dá nos acontecimentos enunciativos e movimenta os lugares de enunciação envolvidos, segundo uma dinâmica própria ao funcionamento dos enunciados” (GUIMARÃES, 2018, p.171).

Ao analisarmos os referencias sociais temos de um lado uma sequência subordinada pelo sujeito e pelo verbo *corte* que veio do verbo cortar. De outro lado, temos uma sentença marcada pelo advérbio significando que a aposentadoria era concebida no passado.

Para finalizar nossas análises vamos observar o enunciado abaixo, dando continuidade das expressões linguísticas apresentada nos enunciados. Para melhor compreender a constituição do sentido desta enunciação faremos uso, novamente, da paráfrase:

A1- O bom é que eu não preciso fazer vestibular, porquê já fui aprovado e já concluí o primeiro semestre’.

A2- Eu não preciso fazer vestibular, pois já fui aprovado e já concluí o primeiro semestre.

Trazemos agora uma análise sintática. Há neste enunciado um verbo transitivo seguido de um verbo auxiliar e na sequência do dizer um complemento nominal, ou seja, algo que complementa a ideia exposta anterior do que fazer. Nessa enunciação temos um conjunto de palavras que fazem parte do mesmo campo semântico, complementos nominais, sendo que através da relação linguística entre ambas é que percebemos a construção dos sentidos.

Partimos do conceito de que a enunciação é a produção do enunciado pelos sentidos sociais no exercício individual da língua. Desta maneira, o estudo enunciativo procura analisar o enunciado para compreender a significação.

Por sua vez, ao enunciar *já fui aprovado, e já concluí o primeiro semestre* é que vemos a argumentação mobilizada por um sentido no qual já foi apresentado anteriormente, sustentados pela enunciação que diz que *o bom é que não é preciso fazer vestibular*. Nesta expressão linguística, *já fui aprovado*, é que observamos também uma reescrituração, onde a enunciação foi substituída, sem repetição daquilo que já tinha sido dito.

Nesta direção Ducrot concorda que há um modo de conceber as entidades no uso da língua, para ele o estudo da enunciação deve ser capaz de descrever direcionamentos de sentido de uma expressão linguística, assim o estudo enunciativo deve ser capaz de demonstrar que enunciar é argumentar.

Ao encerrar o diálogo, o alocutor-estudante diz para seu alocutário-amiga *só vou pagar ano que vem tem não desistiu ser estudante que aproveitar a vida*.

Os sentidos construídos ao longo da cena enunciativa nos possibilitam interpretar que este estudante não desistirá da faculdade, pois ano que vem retornará as suas atividades acadêmicas, uma vez que reconhece que só através dos estudos é que pode aproveitar a vida.

A enunciação será parafraseada por:

A1- eu não vou desistir da faculdade, ano que vem volto para aproveitar a vida na faculdade.

A2- Eu não vou desistir da faculdade, vou pagar e ano que vem voltarei para a faculdade para aproveitar a vida.

Ao iniciarmos a análise sintática pelo verbo *pagar*, que aparece no enunciado no infinitivo, podemos ver que na construção dos sentidos são polissêmicos, pois no recorte que diz, *volto para aproveitar a vida na faculdade*. Vejamos que em A1, a sentença introduzida pelo verbo *aproveitar* direciona duplicidades de sentidos, pois o espaço da faculdade além de ser espaço de aprendizagem passa a ser o lugar onde se aproveita a vida.

Nesta enunciação percebemos a mobilização social do sentido, nessa prática social acadêmica que determinam a necessidade de significar as formas linguísticas para que as mesmas adquiram consistência no enunciado, pois “na pertinência enunciativa, temos a atualização desses sentidos retomados na formulação do enunciado, na concepção em que as formas linguísticas é uma latência a espera do acontecimento enunciativo, onde o presente do interdiscurso a fazem significar” (GUIMARÃES,1996, p.32).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos propostos, de comprovar a hipótese sobre como se dá a constituição dos sentidos nos enunciados retirados de plataforma digital WhatsApp, cujas expressões serão compreendidas por sinalizantes que reconhece a língua de sinais, tomando como foco o papel das formas linguísticas na enunciação, tendo em vista que as formas linguísticas se definem enquanto unidades de significação. Desta forma, a significação de uma palavra ou expressão realizada por sujeito surdo em um enunciado será compreendida a partir das análises que envolvem todo processo enunciativo no acontecimento do dizer no espaço de enunciação.

A presente pesquisa apresenta-se como um estudo da produção de sentidos, ou seja, analisar a partir de uma perspectiva semântico-enunciativa mensagens de um aplicativo de smartphone. Consideramos importante dizer que este estudo trabalhou no campo linguístico onde duas línguas distintas se fundem numa compreensão da ideia que está sendo apresentada. Sendo assim, este trabalho procurou apresentar como que os sentidos presentes em uma conversa de WhatsApp, significam, ressignificam e sofrem mudanças que se apresentam a partir do agenciamento dos falantes no acontecimento do dizer.

Nessa perspectiva, procuramos mostrar como se dá a articulação entre núcleo e seus determinantes em cenas enunciativas que constituem o domínio referencial, sendo a referência algo que resulta necessariamente do sentido, levando em consideração que a referência se realiza em virtude do que significa.

A significação nós a consideramos como sentido, ou seja, como produzida pela enunciação, em outras palavras, pelo funcionamento das línguas num espaço de enunciação. E este funcionamento das línguas agencia os falantes a dizer nas condições deste espaço: da relação falante e língua, falante e falante, língua e língua em que se estiver. Assim podemos dizer que a significação é considerada aqui como *o sentido* de enunciados que se produz neste acontecimento do funcionamento da língua que agencia os falantes. A enunciação, que produz sentidos, é, como vimos, o acontecimento do funcionamento da língua num espaço de enunciação. E a semântica, enquanto semântica da enunciação, é a disciplina que analisa os sentidos dos enunciados enquanto enunciados que integram textos nos acontecimentos que os produzem (GUIMARÃES, 2018, p. 22).

As análises desenvolvidas mostraram como o funcionamento enunciativo das expressões enunciadas por surdos apresentaram deslocamento de sentidos. Assim, toda

reflexão desenvolvida nestas análises servirá para iluminar as práticas de ensino de língua portuguesa constituídas por falantes surdos na forma descritiva.

Desta forma, percebemos que o sentido das expressões não é fixo, e nem se reduz a um conceito ou a uma definição, e assim podemos dizer que a palavra se constrói no enunciado, no texto em que se integra, na sua relação entre acontecimento, em que funciona o memorável de enunciações.

Com base nesta pesquisa é que podemos dizer que é possível deslizar uma análise sintática para uma análise semântica corroborando para que os alunos compreendam melhor como funcionam as relações linguísticas semanticamente.

Portanto, defendemos a consideração de que uma heterogeneidade constitutiva deve nortear os estudos relacionados ao ensino/aprendizagem desses alunos surdos, tendo como meta principal a manifestação linguística desses sujeitos, e que seja respeitada e aceita com total manifestação nos espaços de enunciação.

Em virtude do que acima foi discutido, a Semântica do Acontecimento/Enunciação se caracteriza pelo acontecimento histórico da enunciação, assim ela se fundamenta pelo acontecimento que considera o estudo da significação deve ser tratado enunciativamente no funcionamento da língua. E com isso defendemos a ideia de que o enunciado retoma significações de outros enunciados, não reproduzindo o que já foi significado, mas constituindo sentidos atualizados.

REFERÊNCIAS

BALLY, C. **Linguistique général et Linguistique française**. 4 ed. Berne: éditions A. Francke, 1965.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística Geral I**. Campinas, Pontes. 1988.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística Geral II**. Campinas, Pontes. 1989.

BRASIL. **Decreto Federal n 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 10 setembro de 2018.

BRASIL. **Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da língua brasileira de sinais (LIBRAS). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em: 12/10/2018.

BRASIL. **Decreto Federal n 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 19/10/2018.

_____. **Decreto Federal n 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em: 10 setembro de 2020.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: setembro de 2020.

_____. **Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de tradutor e intérprete da língua brasileira de sinais (LIBRAS). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm>. Acesso em: agosto de 2020.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas/Unicamp/EDUEL, 2003.

DIAS, L. F. Articulação e Sintática e trajeto temático: a norma culta em debate. In: ABREU, S. (org.) **Reflexões Linguísticas e redação no vestibular**. Porto Alegre: Ed da UFRGS, p.35-48. 2010.

Dias, L. F. Acontecimento Enunciativo e Formação Sintática. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v.35.Campinas, HIL. 2015

DIAS L, F. **Enunciação e Relações Linguísticas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018

DIAS L, F.; COELHO, S M. **Regularidades sintáticas e determinações enunciativas: uma abordagem do aposto explicativo**. In: SANTOS, H. S.; ASSUNÇÃO, K L. de F. (org) **Enunciação e discurso: língua e literatura** Curitiba Prismas, p.131-148,2014.

DIAS, L. F. **Semântica do acontecimento**.4 ed. Campinas: Pontes 2017.

DIAS, L. F. **Semântica; enunciação e sentido**. Campinas; Pontes 2018

_____. Enunciação e regularidades sintáticas. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.1, n.1 2009, p.7-30

_____. Pertinência enunciativa e sustentação referencial: nos limites do sintático e do semântico. **Desenredo** (PPGL/UPF). v.9, p.389-398,2013b.

_____. **Formações Nominais designativas da Língua do Brasil**: uma abordagem enunciativa. **Letras**, Santa Maria, v23, n 46, jan./jun.2013c.p.11-22

DUCROT, Oswaldo. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação In: **o dizer e o dito**. Campinas, Pontes, 1097

FERREIRA BRITO, L. **Integração social & educação de surdos**. Rio de Janeiro, RJ: Babel, 1993.

GUIMARÃES, E. Domínio Semântico de Determinação. **Palavra Forma e Sentido**. Campinas. Ponte-RG. 2007

_____. Designação e espaço de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, Santa Maria, n.26, p.53-62. 2003

_____. **Os Limites do Sentido**.3. ed. Campinas: Pontes 2005

_____. Domínio Semântico de Determinação. In: GUIMARÃES, E. MOLLICA, M.,C(org.) **A palavra: Forma e Sentido**. Campinas: Pontes, p.77-96, 2007.

GUIMARÃES, E. Enumeração: Funcionamento enunciativo e sentido. In: **Caderno de estudos Linguísticos**, 51(1). Campinas DL.IEL, Unicamp. 2009

GUIMARÃES, E. Aposto e Nome Próprio. **Entremeios**,5. Pouso Alegre, PPGCL, Univás. 2012

GUIMARÃES, E. Ler um Texto: uma Perspectiva Enunciativa **Revista da Abralín**, V.12,2. ABRALIN. 2013

GUIMARÃES, E. **A Argumentatividade de um enunciado**. Reconfigurações de Sentido na História do Brasil . Cáceres, Enalihc, Unemat. 2015 c.

- GUIMARÃES, E. **Semântica: enunciação e sentido**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018
- GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento: um estudo enunciado da designação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017 – 4ª Edição
- GUIMARÃES, E. **Textos e argumentação: um estudo de conjunções de português do português**. Campinas: Pontes, 1987.
- KARIM, T. M. **Dos nomes á história- o processo constitutivo de um estado**: Mato Grosso. Campinas-SP.2012
- KARIM, T. M. Mato Grosso: de Descrição a Nome- Um percurso Enunciativo. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, 32. Campinas, RG. 2013
- ORLANDI, E.P. **As Formas do Silêncio**. Campinas, Editora da Unicamp. 1992.
- ORLANDI, E.P. **Análise De Discurso: Princípios E Procedimentos**. Campinas, SP: Editora Pontes, 1999.
- _____. **O adjetivo na formação nominal**: uma abordagem enunciativa. Web Revista Discursividade, Campo Grande, v. 9,p. 1-10, 2012.
- _____. **Os Limites dos Sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. 4.ed. Campinas: RG, 2010.
- KUMADA, K. M. O. **Libras - Língua Brasileira de Sinais** -Londrina: Editora e distribuidora educacional S.A,2016. 256p
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua Brasileira de sinais: Estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 224 p.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística geral**. 27.ed. São Paulo: cultrix, 2006.